Henrique de Campos Ferreira Lima

Major de artilharia

O TENENTE-GENERAL BARTOLOMEU DA COSTA

NOTICIA BIOGRAFICA

LISBOA

TIPOGRAFIA DO ARSENAL DO EXERCITO

1924

Para a Bibliotheca do Arsenal de Guerra
oferece
o Autor

O TENENTE-GENERAL BARTOLOMEU DA COSTA

Separata de sessenta exemplares
dos n.os 218 a 230
da Revista de Artilharia

BARTHOLOMEU DA COSTA

MAQUINA com que foi suspendida a Estatua Equestre do S. D. JOZE I.º na Caza da Fundiçaõ, e se tirou para fóra por hũ angulo recto, para se pôr no Carro de transporte.

9901 DAA

Henrique de Campos Ferreira Lima

Major de artilharia

O TENENTE-GENERAL BARTOLOMEU DA COSTA

NOTICIA BIOGRAFICA

DIRECÇÃO DA ARMA DE ARTILHARIA
9901
BIBLIOTECA

LISBOA

TIPOGRAFIA DO ARSENAL DO EXERCITO

1924

Ao seu Ex.mo amigo e camarada o sr. coronel

Luiz Henrique Pacheco Simões

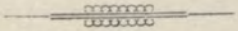
ilustre director do *Arquivo Historico Militar*

em testemunho da maior consideração

O. D. C.

O AUTOR.

O Tenente-General Bartolomeu da Costa



Como se verá pelos breves apontamentos biograficos, que vamos consagrar-lhe, este antigo oficial do nosso exercito pode considerar-se como um dos mais distintos ornamentos, de que pode orgulhar-se a artilharia portuguêsa.

Segundo as autorisadas palavras de um dos seus biografos (1), o tenente general Bartolomeu da Costa foi um «homem notavel, cujo nome durará tanto quanto a obra que o tornou conhecido, e que na nossa artilharia foi considerado como o fundador da regularidade dos calibres (2), e o promotor do desenvolvimento que tiveram não só o fabrico do material da artilharia como os officios que mais se relacionam com os artefactos de uzo do exercito.»

N'um interessante artigo, publicado na *Revista Militar* (3), observou Antonio Florencio de Sousa Pinto, ilustre oficial de artilharia e escritor militar, o seguinte: «Ninguem até hoje se occupou especialmente deste homem extraordinario, bastando os traços da sua vida para ennobrecer a penna que os tirar do olvido em que jazem!»

E' claro que, com este nosso modesto trabalho, não temos a estulta pretensão de julgar trazer a ultima palavra sobre o

---

(1) O general João Manuel Cordeiro no seu livro *Apontamentos para a historia da artilharia portugueza*, Lisboa 1895.

(2) Diz o mesmo oficial a pag. 212 do seu livro: *Estabeleceu a regua de calibres ou, antes, regulou-a em relação ao peso português.*

(3) No 1.º vol. de 1849 a pag. 230-235.

assunto, nem a de ter correspondido áquelas palavras: procurámos, apenas, reunir o maior numero de elementos dispersos, que vieram ao nosso conhecimento, afim de assim relembrar esta antiga e gloriosa figura militar.

Além disto não tivemos tempo para mais minuciosas buscas, sempre morosas e muitas vezes infructiferas, pelos arquivos, nem o acaso nos proporcionou o encontro dum precioso manuscrito, que seria utilissimo para este trabalho, a que alude Sousa Pinto no citado artigo: «Manuscripto, que o sr. Honorio Fiel Lima, parente do distincto general, está preparando para dar á luz publica, no qual se trata largamente da vida do mesmo general, dos meios que empregou para fundir a famosa estatua equestre d'El-Rei D. José I, dos diversos aparelhos e machinas que inventou, e de todos os seus numerosos e uteis serviços, que tanto renome lhe deram. Assim aquella obra chegue a publicar-se!»

Bartolomeu da Costa nasceu em Belem a 31 de outubro de 1732 (1) e foram seus pais Manuel da Costa e Antonia Maria Josefa, como consta deste assento de batismo que se

---

(1) Esta data e naturalidade (Lisboa) veem indicadas no *Livro de registo do regimento de artilharia de S. Julião da Barra*, existente no *Arquivo Historico Militar*, tão superior e inteligentemente dirigido pelo nosso amigo o sr. coronel Pacheco Simões, ilustre escritor militar. Os biografos que consultamos não dão o local do nascimento. Apenas numa estampa que possuimos, com o seu retrato e uma curta noticia biografica, se indica: *Nasceo em Belem*. Machado de Castro, que era de Coimbra, considera-o *seu benemerito patricio* (Vid. pag. 231 da *Descripção analytica*) querendo, talvez, com esta palavra, significar *compatriota*.

Em todos os biografos se encontra a data de 1 de Novembro de 1731, como a do seu nascimento.

No *Suplemento* á *Gazeta de Lisboa* n.º XXIII de 12-6-1801 lê-se a noticia seguinte: «O Excellentissimo Bartholomeu da Costa, Tenente General dos Reaes Exercitos, Intendente Geral das Fundições de Artilheria, e Laboratorio dos Instrumentos bellicos, Encarregado do Arsenal Real do Exercito, Director das Minas de Ferro e Carvão, Socio da Sociedade Real Maritima, e da Academia Real das Sciencias, e Thesoureiro da mesma, faleceo a 7 do corrente, em idade de 68 annos, 7 mezes e 7 dias», que confirma a data que damos.

A Camara Municipal de Lisboa deu o nome do ilustre oficial a uma das ruas do Bairro Operario, pertencente á freguezia de Santa Engracia. Ali se lê este letreiro: *Rua Bartolomeu da Costa, Engenheiro Militar. Fundidor da estatua equestre da Praça do Comercio, 1731-1801*, em que deve ser corrigido, portanto, o ano indicado para o do seu nascimento e introduzida a palavra *artilheiro*, antecedendo a expressão *engenheiro militar*, visto que Bartolomeu da Costa foi principalmente *artilheiro*, como se verifica por este nosso trabalho. E a proposito lembrarêmos os signifi-

lê a pag. 71 v. e 72 do *Livro 5.º dos baptisados da freguezia da Ajuda*:

«Aos vinte e trez dias do mez de Novembro de mil, sete centos e trinta, e dous, baptizey a Bartholomeu, que nasceu a trinta e um do mez passado, f.º de M.ei da Costa baptizado na Freg.ª de N.ª S.ra da Oliveyra de Matacaens termo de Torres, e de sua mulher Antonia Josepha, baptizada, recebidos e moradores nesta Freg.ª no lugar de Belem. Padrinho Bartholomeu Domingues da Silva e Madrinha N.ª S.ra da Ajuda. O Coadjutor Manoel Pereyra Fresco.»

Num documento, que está junto ao requerimento (1), em que sua irmã Josefa Rosa, casada com Luiz Alves, creado de S. M. com actual exercicio no Real Paço da Quinta de Belem, com quatro filhos, pede a transmissão da mercê de 80 réis por dia, pagos nas ferias da Ribeira das Naus da cidade de Lisboa, sem cabimento no Almoxarifado da Casa das Carnes, feita a sua mãe por alvará de 16 de Outubro de 1777, vem o nome completo desta, como acima se lê.

Em 11 de maio de 1744 assentou praça em artilharia na 5.ª esquadra do troço de artilheiros de marinha.

Embarcou por doze vezes na armada de guarda-costa, tendo feito quatro viagens ao Brazil e Angola.

Foi promovido a alferes em 1 de novembro de 1758 (2).

Segundo refere Manuel de Figueiredo (3), já em 14 de

---

cativos termos com que o sr. Cristovão Aires se lhe refere no vol. VIII da *Historia do Exercito Português*, dedicado aos *Engenheiros portuguéses*: «Era um engenho de uma especial natureza a deste engenheiro, — a de artilharia e instrumentos bellicos, — mas folgamos em o incorporar na nossa galeria» e, depois, no volume seguinte da mesma obra: «Como vimos já no volume anterior, este official era propriamente artilheiro; mas incluimol-o na lista de engenheiros attendendo aos serviços que prestava no aperfeiçoamento de machinas importantes e invenções e acomodação de outras antes desconhecidas.»

(1) Existente na Torre do Tombo no maço 683 dos *Documentos vindos do Ministerio do Reino*.

(2) Citado *Livro de registo*. O general Cordeiro diz no seu livro que nesta data foi promovido a ajudante da *Tenencia*, logar que não havia nem houve depois; supondo-se que esta nomeação fora devida ao merito que se lhe tinha reconhecido.

Segundo um certificado existente na Torre do Tombo, junto ao seu requerimento, adiante citado, exerceu o posto de ajudante de Artilharia do Castelo de S. Jorge de 9 de Abril a 22 de Julho de 1762.

(3) *Theatro*, vol. XV, pag. 545, transcrito a pag. 214 e 215 do vol. VIII (*Provas*) da *Historia do Exercito Português*, do nosso amigo e distinto escritor o sr. Cristovão Aires.

outubro dêste ano (Cordeiro diz 1750) era condestavel-mor de artilharia da guarnição de costa e marinha, debaixo das ordens do tenente general Manuel Gomes de Carvalho e Silva, com emprego especial no *Arsenal do Exercito*, então designado pelo nome de *Tenencia*, nome que o decreto de 24 de março de 1764 mudou para aquele.

Em 8 de janeiro de 1762 (1) foi promovido a tenente e ainda nêste ano, em 1 de julho (1) (10 de maio, diz Manuel de Figueiredo, no vol. XV do *Theatro* citado), saiu capitão da companhia de bombeiros do 1.º Batalhão do Regimento de Artilharia de S. Julião da Barra, de que era coronel Frederico Jacob de Weinholtz.

Não obstante esta promoção continuou em serviço na *Tenencia*, onde foi mandado apresentar por Aviso de 11 de Agosto daquele ano.

Relativamente ao grande desenvolvimento que deu aos diversos serviços a cargo dêste estabelecimento militar transcrevemos o que diz Souza Pinto: «A elle foi devido o augmento do numero das officinas (passaram a ser 20, segundo Cordeiro a pag. 212 do livro citado) e dos operarios, os quaes propriamente instruio: foi elle que innovou a maneira de fundir e alterou a liga do metal das bôcas de fogo, até então usadas (afim de evitar o emprego de grãos de ouvido, observa o mesmo Cordeiro): quem mandou construir fornos, proprios para a fundição, que não havia, e fez outras muitas reparações de que se precisava, e que pareciam esperar pelo seu genio emprehendedor. Inventou uma machina para tornear as peças, e outra para tornear os munhões, bastante perfeitas para o estado dos conhecimentos technologicos daquelle tempo: adoptou a machina de brocar verticalmente, e sustentou esta sua adopção contra a opinião de Mr. Drouet, official engenheiro francez, que o governo chamára a Portugal (costume este que muitos e custosos desenganos, não desvaneceram ainda entre nós); e foi tal a maneira com que se houve nesta questão, que obrigou o estrangeiro a fugir, corrido de vergonha».

Ele proprio alega os seus serviços nesta epoca, num requerimento (2) dirigido á rainha D. Maria I, no qual lhe pede

---

(1) *Livro de registo.*

(2) Documento existente na Torre do Tombo entre os *Documentos vindos do Ministerio do Reino*, maço 683. Foi descoberto pelo sr. D. José Pessanha.

«que attendendo aos serviços de quarenta e sette annos effectivos que o Sup.• tem feito com honra, zello, e dezenteresse, e as utilidades que delles tem rezultado á Real Fazendo lh'os remunerar com a Graça que a benignidade de V. Mag.e for servida implorando que seja de modo que por morte do Sup.e fique continuando em os filhos de sua Irmãa D. Josepha Roza com supervivencia, ou naquelles dos dittos que elle nomear, cuja graça espera merecer da Real Clemencia de V. Mag.e».

Eis as suas palavras: «Senhora. Diz o Marechal de Campo Bartholomeu da Costa que elle serve a V. Mag.de ha quarenta e sette annos com o zelo, actividade e prestimo que he notorio, fazendo athé o anno de 1762 varios embarques tanto a America, como de Armada, e por causa da guerra que houve em o ditto anno se vio a percizão de estabelecer as officinas no Arcenal para fazer todos os instromentos de guerra, e como para estes trabalhos inteiram.te novos se percizava quem os derigisse, e desse as dimenções, e formalidade q. havião de ter; e não havendo no Arcenal quem do perparativo da campanha tivesse conhecimento por haver muitos annos que nelles se não trabalhava e os officiaes do Corpo d'Artelheria que havia no Arcenal, e do qual hera o Sup.e ajudante em o dito tempo, tinhão só a pratica da Marinha, para que herão destinados; o sup.e pellos estudos que tinha feito se achou em estado de dirigir todos os diferentes trabalhos dos quaes foi encarregado pello Thenente General d'Arthelharia do Reyno Manoel Gomes de Carvalho e S.a neste mesmo anno passou o Sup.e a capp.am de Comp.a de Bombeiros do Regim.to d'Arthelheria que então se creou p.a guarnição da Fortaleza de S. Julião da Barra, e sendo percizo fazerem-se huns obuzes para se remeterem, p.a o Exercito, e não havendo quem se encarregasse de dirigir a fundição dos dittos, o Sup.e se encarregou della ficando sempre continuando no expediente de apromptar todo o preparativo que se remetia ao Exercito; determinando o numero de munições que devião fornecer as pessas d'Art.a dando as demenções p.a todos os Instromentos; estabeleceo a Fundição d'Arthelheria creando tudo de novo, pois nem operarios havia que deste trabalho tivessem pratica, vio-se o Sup.e obrigado a ensinalos e inventar todas as maquinas que se achão estabelecidas, isto hé a de brocar, e tornear a Art.a e a de tornear os munhões de morteiros, que são inteiram.te novas, e em Lisboa a prim.ra parte q. servirão; mereceo o Sup.e a aprovação do Marechal General Conde de Lipe em tudo o que dirigio para

o Exercito, e na Fundição d'Art.ª lhe fazia os maiores elogios.»

E num outro requerimento, adiante citado, frisa ainda outros pontos: «Logo depois de finalizada a guerra, e q. o Marchal G.al Conde de Lippe se recolheu a Lisboa, continuou a vizitar o d.º Arsenal, onde viu o novo reparo d'Andas, aperfeiçoado pelo Supp.e, sobre o q. o d.º inventára em Alemtejo, e achando-o tanto á sua vontade, ordenou se continuassem a fazer todos, como os novam.e edeados pelo Supp.e, e na repetição das d.as vizitas, q. forão hũa, e mais vezes na Semana, e até nos dias de guarda, em q. se não trabalhava na Fundição, por saber que o Supp.e assistia nas Cazas, q. dentro della ha; tractavão, do q. era relativo aos Instrumentos de guerra, recebendo sempre do d.to Marchal Gen.al as approvaçoens mais decezivas, e louvores os mais destinctos.»

Em 14 (10 diz o vol. xv do *Theatro* de M. de Figueiredo) de Maio de 1764 (1), recebeu a promoção ao posto de sargento-mór (que corresponde ao actual de major), agregado do regimento d'artilharia de S. Julião da Barra.

Continuemos a transcrever o primeiro requerimento: «Em o anno de 1764 foi o Sup.e promovido ao posto de sarg.to mór na occazião de se admitir na Fundição hum Frances, p.a estabelecer os methodos praticados em França, e vendo não excedia aos do Sup.e fugio adquirindo mais no que vio praticar do que deixou: edeou o Sup.e o modo de milhorar o reparo d'Arthelheria de calibre trez que o Marechal General Lippe tinha mandado fazer em Alentejo, merecendo a approvação do D.º mandando se continuassem dali em deante o Methodo do Sup.e.»

Num manuscrito do tempo adiante indicado lê-se:

«A Bartholomeu da Costa então Sargento Mór de Artilharia então se incumbio o accrescentar e melhorar notavelmente o Parque da Artelharia, fundindo-se grande numero de pessas, e morteiros (2), tudo dirigido por elle. O Marechal General

---

(1) *Livro de registo.*

(2) No Museu de Artilharia, segundo a 8.ª edição do respectivo *Catalogo*, existem varios exemplares destas bocas de fogo. Assim ha ali peças de campanha destes calibres: 8e de 1796, 9e de 1764, 9,5e de 1775, 10e de 1773, de 11c de 1765 e 1776, de 12c de 1770 e 1774 e de 14c de 1769; obuzes de 15c e de 26c de 1774 e 1770 respectivamente e peças de montanha de 5c e 5,2c de 1773. Todas elas ostentam o seu nome.

Conde de la Lippe que amiudadas vezes vizitava a fundição não se cansava de gabar esta artilharia, antepondo-a a toda a que se fazia nas outras fundiçoens da Europa. Todos conhecem de quanto pezo he o voto deste Cabo pela apurada intelligencia que tem em tudo quanto diz respeito á arte da guerra.»

Em 7 de setembro de 1767 foi promovido a tenente coronel como consta deste documento: (1)

«Attendendo ao prestimo e zelo com que me tem servido o sargento-mór de infanteria agregado ao regimento de artilheria da guarnição da fortaleza de São Julião da Barra, Bartholomeu da Costa: Hey por bem fazer-lhe mercê do posto de tenente coronel de infanteria com exercicio de engenheiro e deste posto se lhe sentará praça na primeira plana da Corte para nella vencer o soldo que lhe competir. O Concelho de Guerra o tenha assim entendido e lhe mande passar os despachos necessários. — Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a sete de setembro de mil setecentos sessenta e sete.»

No requerimento que temos transcrito refere-se a esta promoção e á sua mais conhecida e notavel obra: a fundição, de um só jacto, da estatua equestre (2) modelada pelo insigne artista Joaquim Machado de Castro.

Para não perder o sabôr damos logar ás suas mesmas palavras em que, não deixando o seu credito por mãos alheias, elogia a sua propria obra: «em 1767 passou o dito ao posto de Tenente Coronel continuando sempre no mesmo exercicio athé ao anno de 1771 em que foi incumbido de fundir em bronze a Real Estatua Equestre do S.r D. Joze Primeiro que Santa Gloria Haja, para cuja obra inventou novos instrumentos e methodos de trabalhos differentes dos que em outras Fundiçoens semilhantes se tem empregado, occupando opera-

---

(1) Do *Arquivo Nacional da Torre do Tombo*. Conselho de Guerra, Dec. Maço 126, n.º 154. Transcrito pelo sr. Cristovão Aires a pag. 214 do vol. VIII (Provas) da *Historia organica e politica do exercito portuguêz* e por Sousa Viterbo a pag. 236 do 1.º vol. do *Diccionario dos architectos*.

(2) Jacome Ratton escreve a pag. 308 das *Recordaçoens*: «A fundição da estatua equestre de hum só jacto foi dirigida pelo celebre fundidor do Arcenal Real do Exercito Bartholomeo da Costa, que naquelle exercicio de fundidor chegou a ter a patente de Tenente General. Elle mesmo deo a engenhosa direcção para se tirar a estatua da cova em que fora fundida, assim como para ser conduzida até Junto do Pedestal, sobre o qual foi collocada pelo bem dirigido apparelho que a mestrança da ribeira das naus tinha preparado.»

rios que nunca tiverão pratica alguma de semilhantes obras, fundio a Real Estatua de hum só jacto, sendo a maior que ha na Europa, sahio a mais perfeita que athé agora se tem fundido; encarregou-se de tirar a Estatua do lugar onde se fundio, e po-la no carro de transporte para o que inventou a maquina a qual correspondece perfeitamente, tendo muitas coizas inteiram.[te] novas.»

Antes de entrarmos em mais pormenores acêrca da fundição da estatua de D. José, arquivaremos uma nova nomeação, relativa ao ano de 1774, que consta deste documento: (1)

«Tendo consideração ás assiduas e uteis aplicações com que Bartholomeu da Costa, Tenente Coronel da Artilharia, se tem distinguido na sua profissão, e aos attendiveis serviços, que me tem feito no meu Real Arsenal d'esta Corte e Provincia, aprefeiçoando nelle machinas importantes, e inventando e reduzindo a pratica outras antes desconhecidas: Hey por bem, e por graça especial, que não fará exemplo, nomeallo Intendente Geral das Fundições da Artilharia e Laboratorios dos Instromentos belicos destes Reinos com a patente de Brigadeiro de infantaria e exercicio na Artilharia, com o qual Posto vencerá o dobro do soldo ordinario. O Conselho de Guerra o tenha assim entendido e lhe mande passar os despachos necessarios. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em sinco de Dezembro de mil setecentos setenta e quatro. — Com a Rubrica de Sua Magestade.»

A proposito copiarêmos do primeiro requerimento: «em 1774 passou ao posto de Brigadeiro e Intendente Geral das Fundiçoens d'Arthelheria, e Laboratorios dos Instromentos Bellicos deste Reino, dirigio a Fundição de ferro em bombas, granadas, e ballas, edeando o modo de as fundir o qual excede ao que em outras partes se pratica, encarregou-se de aperfeiçoar a factura da polvora inventando m.[tas] maquinas inteiramente novas, e aperfeiçoando outras, evitando as continuas disgraças, que succedião aos q. trabalhavão, fazendo

(1) Existe na Biblioteca Nacional, cod. 8.056 fl. 71 v., transcrito pelo sr. C. Aires no vol. indicado pag. 777 e na Torre do Tombo, *Decretos remetidos ao Conselho de Guerra*, maço 133, n.º 72, transcrito por Sousa Viterbo a pag. 236 do seu *Diccionario dos arquitectos*.

Num impresso intitulado *Quadro historico ou relação dos officiaes que teem gerido a acquisição e distribuição do material de guerra desde 1640 até 1884, elaborada pelo general João Manuel Cordeiro e continuada desde 1884 até 1916 pelo coronel Antonio Augusto Ferreira*, dá-se, inadvertidamente, a este decreto a data de 9 de Dezembro de 1777.

Reverso duma medalha feita com a porcelana descoberta por Bartolomeu da Costa

que sem augmentar a Fabrica podesse fazer mais do dobro da polvora que antigam.te podia, percebendo destes novos methodos de trabalhos grande utilidade á Real Fazenda; executando nellas tudo o que lh'ordenou o Ministro e Secretario d'Estado Martinho de Mello e Castro, o qual alem destas tem prezençeado as experiencias de quantidade de inventos que o Sup.e tem feito os quaes pella multiplicid.e não alego, e de quantid.e de outros que actualm.te se estão executando.»

Tratemos agora da fundição da colossal estatua equestre de D. José para cuja execução encontrou Machado de Castro, na casa da Fundição da Artilharia, «na urbanidade do Tenente General, Manoel Gomes de Carvalho Silva, e do Brigadeiro Bartholomeu da Costa (então Tenente Coronel de Engenharia) todo o civil acolhimento, e promptidão.» (1)

O mesmo eminente estatuario tem estas palavras comprovativas do valor e competencia de Bartolomeu da Costa para este genero de trabalho:

«O habil Engenheiro a quem se commetteo esta fundição, bem costumado a dar sempre cabal conta das incumbencias de que havia sido encarregado, vendo-se n'huma empreza de tanto empenho do Ministerio, e gosto da Nação, não podia afrouxar da actividade que possue; tendo para isso genio efficaz, e espirito honrado: e havendo-se-lhe dado para a brevidade, e pressa na Fusoria, as mesmas recommendações, que se me havião feito a respeito de Escultura, em quanto a de marmore se executava, foi elle dirigindo as manobras convenientes para se fundir a de bronze: cogitando os meios mais adequados para conseguir-se com perfeição, e brevidade.»

Num curioso manuscrito da epoca (2) encontra-se uma relação tão minuciosa das diferentes operações da fundição da estatua, do seu levantamento da cova onde foi fundida, do

---

(1) *Descrição analytica da execução da estatua equestre, erigida em Lisboa á gloria do Senhor Rei Fidelissimo D. José I.* Lisboa 1810, pag. 229-230.

(2) Este manuscrito, que se encontra na Bibliotheca Nacional de Lisboa, intitula-se: *Relação da solemnidade com que o povo de Lisboa celebrou a inauguração da estatua equestre d'El Rey D. Jozé Primeiro a que precede hum suc into elogio das principaes acçoens deste monarcha escrito tudo pelo cap. Manoel de Souza e mandado copiar do seu proprio original pelo dr. Antonio Ribeiro.* Dele tivemos conhecimento pelo valioso trabalho, adiante indicado, do nosso amigo o sr. D. José Pessanha. Nele se faz menção dum outro manuscrito existente tambem naquela Bibliotheca: *Relação historica em que se refere o motivo porque se erigio a Estatua Equestre de El Rey*

seu transporte para o local onde finalmente foi colocada, que dele vamos transcrever as paginas que se seguem:

«A Fundição desta grande maquina era empenho capás de dezacordar os mais peritos na arte, e se encarregou ao cuidado de Bartholomeu da Costa Thenente Coronel Engenheiro, de quem já fallamos. O grande conceito que o grande prestimo deste Portuguez merecia aos que o conhecião, fez com que os seus amigos descançassem nelle do feliz exito da empreza. Todos sabem o grande risco que correm fundiçoens tamanhas, pelo grande inimigo que tem no ár (1) ,a quem basta o mais leve descuido para que ella deslustre toda a belleza da obra; e provas disto o estão dando todas as mais fundiçoens de Estatuas de muito menor pezo, que não tem tido o feliz exito que se esperava das pessoas a quem se encarregarão.

«Teve conselhos para que fundisse separadamente por duas vezes este grande mole, mas aquelle genio comprehendedor de couzas grandes se abalançou a esta empreza, e tendo comessado a dar provas do seu grande genio na invenção de hum novo Instrumento (2) para tomar as dimensoens, nunca antes visto, e ter vencido os embaraços com que o Inverno aturado embaraçava o seguimento da forma em barro, se achou esta forma inteiramente completa em 19 de Setembro de 1774.

«Animava o seguimento desta obra a actividade do Tenente General d'Artilharia Manoel Gomes de Carvalho, que tem a

---

D. Jozé o I da formalidade com q. se modelou, fundio, reparou, e festejou, etc. Escripta por hum curiozo imparcial. Em Lx.ª na officina emanuense anno de 1778, de que nos não aproveitamos para não alongar mais este simples artigo.

Neste ultimo, o seu anonimo autor, refere-se, desfavoravelmente, numa passagem, a Bartolomeu da Costa, afirmando que as recompensas por ele alcançadas, foram devidas mais á protecção do Marquês de Pombal do que aos seus reaes merecimentos.

(1) «Elle fez com que no fosso girasse continuamente hum vento artificial, quente, e secco; o qual dirigia aos lugares onde a obra o precisava: e deste modo venceo a dificuldade em seccar-se a fórma sem perigo, e em brevissimo tempo; continuando, e dirigindo as manobras todas, sempre com acerto, até chegar o arriscado instante porque esperão com susto o Fundidôr, e Escultor no acto da fundição; pois este momento decide com satisfação, ou desgosto dos desvéllos em que os dous Agentes se tem esmerado». Pag. 237 e 238 da *Descripção analytica*.

(2) Acerca deste instrumento escreve Machado de Castro na *Descripção analytica*, pag. 235: «Porém o instrumento dimensorio imaginado pelo Engenheiro para tomar as competentes medidas, tendentes ao refe-

inspecção dos Armazens do Reyno, onde se fazia todo o trabalho conducente pelos melhores Artifices, que elle para ahi tem trazido. O Ex.mo Marquez de Pombal lhe dava calor com a declarada protecção porque se empenhou nella pelo credito de Nação Portugueza, e honra do seu Rey a quem tem sido raro exemplo d'amor, e lealdade. Bem dezejára eu para credito da nação e destes dous Portuguezes que forão Authores desta grande obra poder ter aqui lugar de contar miudamente os passos desta fundição, para deixar a traz a vaidade com que os outros Escritores nos blazonão de outras fundiçoens, de muito menos porte, mas não he este o proprio lugar, e espero q. o mesmo Fundidôr faça á Patria o beneficio de ensinar os meyos por que conseguio vêr tão felism.te vencido o grande inimigo que tem tão difficeis, e semelhantes projectos. (1)

«Não devo incubrir huma grande circunstancia, que avulta muito no louvôr deste notavel Fundidôr, e foi que podendo para milhor segurar-se, construir hum novo forno, se quizesse, foi o tal o zelo, que lhe pareceo desperdicio, e se servio do mesmo forno (2) em que antes fundia a Artilharia,

---

rido fim, posto que originario do methodo, que usei, era mais artificioso, e complicado.»

E mais adiante: «Com este bem imaginado instrumento dimensorio, ideado pelo Tenente General, conseguio elle forjarem-se exactamente as peças, que precisavão deste recurso na dita armação de ferro, e collocarem-se nos seu respectivos lugares com toda a certeza».

Do artigo de Souza Pinto conclue-se o nome deste instrumento: «Inventou um instrumento, a que deu o nome de *cubiculo* ou *cubimetro* para poder medir com exacção as partes componentes do esqueleto e molde da estatua...»

(1) E' para lamentar que o notavel fundidor não tivesse deixado apontamentos sobre a fórma como procedeu em todo este trabalho.

Machado de Castro, a pag. V da *Descripção*, lembra-lhe que escreva estas notas: «ainda que não trate de sua fundição (da estatua equestre): circumstancia, que me não compete por existir o Sabio Director dessa manobra, a quem toca este assumpto.»

E em nota, a pag. 236, incita-o novamente:

«A narração que faço deste instrumento, não he individual, porque deve feita pelo seu Author. Naquelle tempo lhe propuz em varias práticas, que á imitação dos Francezes escrevesse huma Descripção dos seus trabalhos nesta empreza. Julgo que até agora não tem cuidado em tal; e para omitilla terá talvez motivos, assim como eu os tenho para escrever esta. Se ainda se deliberar a escrevella, então verá o Público bem individuada a narração do bello instrumento sobredito.»

(2) Nas *Recordaçoens* de Jacome Ratton lê-se a pag. 308-309: «..., o que tudo forma hum grande Atlas, e servio de guia ao dito Bartholomeu

e da mesma cova onde as enterrava. Não excede este forno de 15 ½.. de diametro, fora feito para derreter porção incomparavelmente menor de que a de 84.032 kg. de metal, que tanto era necessario na prezente fundição (1), mas o seu genio assim calculou a força do metal, que segurando o forno quanto era bastante para lhe rezistir, economizou a grande despeza de tempo, e cabedal porque puchava o levantar outro forno Igual cuidado vimos quando dezenterrou a grande Estatua, pois da casa onde fez a fundição não estragou couza que se não podesse facilmente remediar, e conservando mais dous fornos que ha na mesma caza trouxe por entre elles, para fóra della, por huma direcção tão medida ao intervalo que havia entre os dous fornos, que quazi tocando por elles os deixou illezos, e sem ruina.

«Completo tudo para se poder fundir no dia 19 de Setembro (1774) se entrou a attacar o forno de metal, que gastou em se derreter 28 horas, e no dia 15 de Outubro, se encheo a forma que gastou 8 minutos.

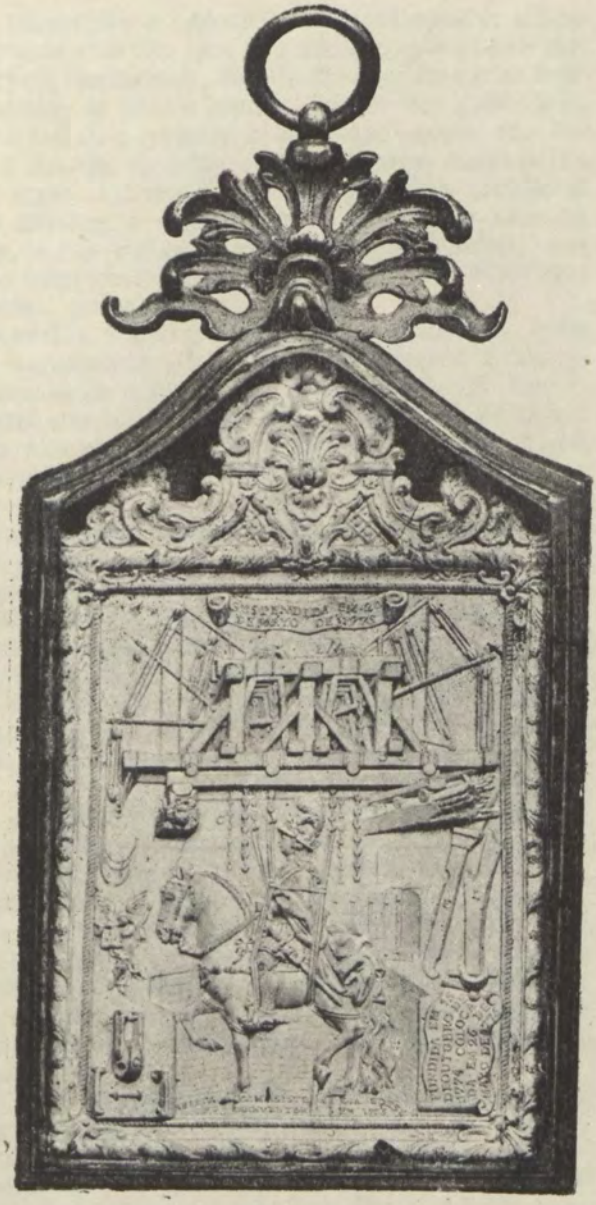
«Passados tres dias se comessou já a mostrar ao Ex.mo Marquez de Pombal que teve o inexplicavel jubilo de vêr tambem satisfeitos os seus dezejos, e logo no mesmo dia se comessou a patentear a todos os Ministros Extrangeiros, e successivamente a hum grande numero de gente, que an-

---

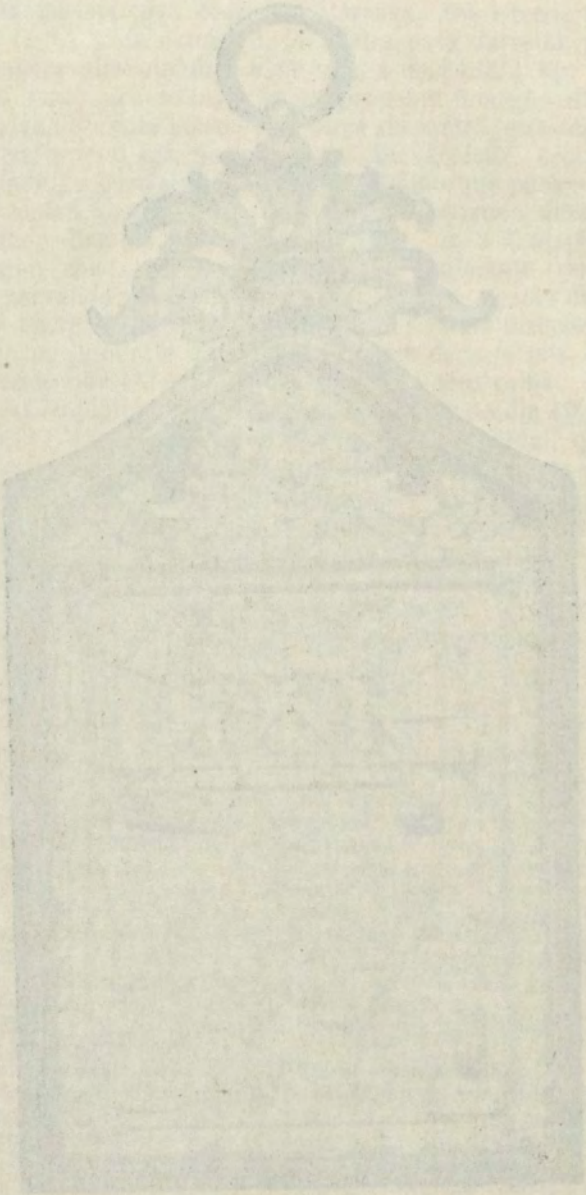
da Costa, o qual teve tembem a felicidade de achar já no Arcenal Real do Exercito hum forno de reverbero, e de sufficiente capacidade, construido em 1761, ou 1762, por hum Francez chamado Drouet, que por ordem do governo tinha andado pelas provincias em busca de argila refractaria até então desconhecida no Reino; pois que se usava dos tijolos ordinarios na construcção dos fornos de fundição, com o inconveniente de ser preciso hum novo forno para cada fundição. Esta argila foi descoberta junto do Rio Vouga nas visinhanças de Aveiro, e alli estabeleceo o dito Drouet fornos e fabrica de tijolos refractarios, que já não existe, nem talvez nenhuma das pessoas que nisso forão empregadas, pelo muito tempo que tem decorrido. Eu mesmo mandei vir para meu uso daquelle barro, e achei que dava exactamente os mesmos resultados.»

(1) Eis o que diz Machado de Castro, a pag. 239 (nota) do seu livro, a este respeito:

«Não he fóra de proposito declarar aqui o pezo da Estatua de que trato. Para ella se fundir, se deitarão ao forno seiscentos cincoenta e seis quintaes e meio de bronze: e tirados os gitos, e todos os sobejos, depois de pezados estes, se vio terem ficado na Estatua quinhentos quintaes do dito bronze. A armação de ferro, que ficou interna, pezou cem quintais; e por este conta se vê, que o seu pezo total, entre ferro, e bronze são seiscentos quintaes Estas declarações me deo o Director destas manobras.»



Anverso duma medalha feita com a porcelána descoberta por Bartolomeu da Costa



ciozamente concorrião e não se fartavão de admirar o bom exito, e a grande arte com que fora acabado este grande monum.[to] da Gloria Portugueza, ficando tão perfeito na fundição que a não serem os muitos canaes que se lhe tinhão feito para correr o metal, e respirar o ar, o qual como que enredavão esta grande maquina poderia logo assentar-se no seu devido lugar. Tal era a perfeição com que sahirão as partes mais miudas, e ornadas desta Estatua. O cazo he tão moderno, e são tantas as occulares Testemunhas, que nem eu ouzo dizer couza que por encarecida me possão desmentir aquelles, que me lerem.

«Foi notavel a satisfação do illustrado Ministro, e de todo o povo com esta obra, o qual assim affeiçoou a modestia, e merecimento do fundidor, que remunerando-o S. Mag.[de] allem de outros despachos a elle com a Patente de Brigadr.[o] da Artilharia com soldo dobrado, e ao Tenente General com a de Marechal de Campo dos Exercitos, parecia dezejar-lhes ainda mayores mercês.

«Logo que se achou acabada a Estatua d'ElRey entrarão todas as dispoziçoens para a sua inauguração no dia 6 de junho do anno seguinte (1775).

«Não estava ainda acabada a grande Praça do Commercio, nem era possivel acabar-se em tão pequeno tempo. O empenho em que ardião os Portuguezes por darem este publico testemunho do seu ardor não lhes soffria dellação tamanha assim assentou o grande Ministro d'Estado, por cuja direcção tinha corrido esta grande obra, que o resto da Praça se acabasse de madeira, mas seguindo em tudo o risco das de mais partes, que fielmente se imitarão por meyo da pintura.

«Achava-se a Praça toda tomada com os grandes tilheiros onde se trabalhava para as mesmas obras, e de muita cantaria já lavrada, mas a tudo se deo competente acommodação, e de dia, e de noite se trabalhou com tanto numero de gente, que se concluio esta, e outras muitas obras destinadas para este dia. Passarão de... homens os que andavão empregados nestas obras, e estes vizitados quazi todos os dias pelo Marquez de Pombal, conde d'Oeiras, e Fiscal das Obras Publicas.

«Assim á força de diligencias avultava esta obra que ao principio parecia impossivel poder-se concluir. No entanto não se descuidava o zelo do Marechal de Campo, e Brigadeiro de pôrem na Fundição a grande Estatua prompta, e acabada de todo se tornou a expôr trez dias á vista de todo o povo que se não saciava de gabar a sua perfeição. Encar-

regou-se ao Architecto das Obras publicas a construcção de huma Maquina em que se transportasse, com toda a segurança, esta Maquina ao mesmo tempo tão pezada, e que requeria tanto cuidado para se transportar sem dezar: o qual a concluio capaz do effeito para que se destinava.

«Tocou ao mesmo sabio Fundidor o tirar a estatua da cova onde se fundira e acabára; e, para isso, foi inventor de uma nova maquina ([1]), cuja descrição é aqui impropria, mas não o hé o louvor que por ella merece, pois alli se vê, como em tudo o mais, uma nova applicação dos principios de mechanica, tirada do fecundo engenho do mesmo auctor, sempre creador de cousas novas e de couzas grandes.

«Com esta Maquina moveo, e pôz de maneira em que havia de ser conduzida a Estatua, que pezava ... arrobas valendo-se para isso tão sómente de .... homens no dia 20 de Mayo deste anno.

«No dia 22 do mesmo mez se comessou a mover para o seu destinado lugar. O honrado Juiz do Povo tinha convocado para a sua conducção todos os Deputados da Caza dos Vinte e Quatro, e bandeiras dos officios, e elles forão os primeiros, que lançarão as mãos aos quatro cordões por onde se tirava esta grande maquina que pezava mais de 5:000 arrobas ajudados de hum corpo de trabalhadores, enfeitados todos de ramalhetes de flores. Precedião toda esta conducção dous ternos de musica, e os horteloens juncando de flores as ruas por donde hião passando, que levavão em cavallos cubertos com grandes panos de veludo franjados de ouro. Os fuguetes hião alvoroçando o povo que apinhoado acompanhava

---

([1]) Acerca desta maquina escreveu Machado de Castro na *Descripção:*

«A maquina de que usou o Tenente General para suspender a Estatua, da cova, he semelhantissima (á que serviu em Paris para elevar a estatua de Luiz XV): porém encerra huma particularidade mais. Na de Paris só havia movimento de avançar. O Tenente General tambem deo á sua motu de ladear em angulo recto, para poder sahir da cova em que estava, e collocar-se no carro de transporte.»

Porem Ratton no seu livro a pag. 308 diz:

«Foi o dito Drouet author de muitos inventos naquelle Arsenal, como tornos para brocar, e tornear as peças horizontalmente, carros rodando sobre vigas horizontais, e levantadas acima do chão, por meio das quaes se tiravão as peças das covas, e se transportavão a outros lugares, de cujos inventos se approveitou Bartholomeo da Costa, para tirar, e transportar a estatua fora do Arcenal; mas intrigas entre Bartholomeo da Costa e o dito Drouet desgostarão este ultimo ao ponto de se retirar para Veneza.»

e ajudava os vivas dos trabalhadores, que era a voz com que lhes servia de sinal para caminharem. Fechava todo este corpo de Trabalhadores, e pelos lados hum corpo de Tropa que a acompanhava. Dirigião esta vinda o Architecto das Obras Publicas Reynaldo Manoel, a quem S. Mag.de nomeou Capitão Engenheiro, e João dos Santos, então Sota Patrão Mór, a quem se havia encarregado o levanta-la a seu lugar, tambem se desvelou muito neste transporte.

«Para mais facil conducção, e poupar a ruina de alguns edificios, que seria necessario demolir por cauza da estreiteza de algumas ruas, se abrio huma nova calçada por junto da ermida da galé não se demolindo edificio algum de particular só sim o Arco das Portas do Sol. Esta maquina veyo sempre puchada sobre grandes Pranxoens para evitar enterrarem-se as rodas o que junto ao seu grande pezo foy causa de alguma demora no seu transporte.

«Na tarde do dia 27 do mesmo mez de Mayo se subio ao seu competente lugar a Estatua, sendo esta manobra recomendada a João dos Santos Sota Patrão Mór da Ribeira das Náos, que felismente a colocou, e S. Magestade lhe fez a mercê de Patrão Mór, que logo comessou a disfrutar conservando-se ao antigo, que se achava esteporado o mesmo ordenado que antes tinha.»

Foi inaugurada a estatua, no dia 6 de Junho de 1775, com manifestações de grande entusiasmo e festiva alegria.

Esta inauguração deu lugar a uma chusma de composição laudatorias em linguas varias, em prosa e verso (1), em que são exaltadas as pessoas do rei e do Conde de Oeiras, seu ministro.

Entre elas ha algumas consagradas ao escultor Machado de Castro e outras ao fundidor Bartolomeu da Costa, de que vamos dar amostras (2).

---

(1) Vejam-se as colecções existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa sob os n.os 3343 e 3344 e L. 1148 V.

(2) Além das poesias que inserimos neste trabalho conhecemos mais as seguintes: *Ingeniosissimo Bartholomaeo da Costa Josephi I. Portugaliae, et Algarbiorum regis fidelissimi memorabilem ex aere Statuam Equestrem incomparabili arte statuenti*, impresso de 2 pag. de uma senhora Januaria Joaquina Freire de Andrade; *Ao Brigadeiro Bartholomeu da Costa fundidor da real, magnifica estatua equestre de S. M. F. Elrey D. José I*, soneto anonimo; dois epigramas latinos de Gul. Joseph Billing e José Esidoro de Oliveira e um elogio em latim, num impresso de 4 pag. *Amica reprehensio in Bartholomeum da Costa de Statua Josephi regis ab eo fusa.*

O poeta mulato Caldas Barbosa fez-lhe este soneto: [1]

Ao Senhor Bartholomeu da Costa, Brigadeiro da Artilheria, &c., &c., &c.

De entre a tremula, roixa labareda,
Globoso espesso fumo os ares fende
No lugar, em que activo genio emprende,
Que o metal duro a seu arbitrio ceda;

Porque tudo com ordem lhe succeda
A toda a parte olha, a tudo attende;
Ora modera o fogo, ora o accende,
Não quer que diminua, nem que exceda,

Abre os ductos; e o bronze com brandura,
E huma fluidez, digna de espanto,
Occupa o molde, forma-se a Figura.

Genio ditoso, que pudeste tanto;
Mostra glorioso a energica Estructura,
Que eu, depois de a adorar, teu nome canto.

De um anonimo ha esta producção poetica:

Ao famoso e muito estimavel artifice da estatua equestre de Sua Magestade

SONETO

Quanto tendes, Illustre Brigadeiro,
A Nação nesta Obra acreditado,
Em que de vossa esfera haveis mostrado,
E do Rey, hum retrato verdadeiro!

O Nacional confessa, o Estrangeiro,
Que o Principe, e o Vassallo tem chegado
Ao summo, cada hum no seu estado,
Vós sem segundo, Elle o *Rey Primeiro.*

Insensivelmente alli esculpiste
O que o tempo voraz nunca consome,
Que foi a fama, a que Elle, e Vós subiste:

Mostrando sem vaidade, que vos dome,
Que a estatua, que ao Monarca hoje erigiste,
Essa mesmo erigiste ao vosso Nome.

---

[1] Vem a pag. 9 do folheto *Collecção de poesias feitas na feliz inauguração da estatua equestre de el-rey nosso senhor D. José I, em 6 de junho de 1775 por Domingos Caldas Barbosa.*

Anverso e reverso duma medalha feita com a porcelana descoberta por Bartolomeu da Costa

Mais dois sonetos, tambem anonimos, se referem á obra da fundição:

SONETO

Funde, Bartholomeu, a Estatua nobre,
Que a Dom José primeiro reprezenta;
E toda a gente que a tem visto; assenta
Que outra melhor Estatua, o Sol não cobre.

De grande admiração, ao rico, ao pobre
Servindo está o Bruto que a sustenta
E se outra maior obra não se inventa,
Outra Figura mais o Autor não obre.

Portuguez, que dás nome á Magestade
Não andes mais no mundo trabalhando,
Rico te fes a tua habilidade:

Por que Rey, a que a Estatua está mostrando,
Para te enriquecer em toda a edade,
Te está na Fama eterna premiando.

SONETO

Vejo os medonhos Ciclopes parados;
O Numen que os governa confundido;
Já não se escuta o horrido sonido;
Vejo os martellos pelo chão, lançados;

A' Lizia, pella Fama, são chamados;
Caem com confusão, com alarido;
Na negra forja, em fogo supremido,
Ficão de Jove, os raios, mal formados;

Respeito, admiração os perturbava,
Como os mais em chegando áquella parte
Adonde a Estatua Augusta se admirava;

Felis Bartholomeu, quero abraçar-te
(Vulcano exclama então) eu não cuidava,
Tanto podesse humano engenho, e Arte.

Até um *Frade do Carmo* que, por modestia, ocultou o nome, veiu a este concurso de louvores com um

SONETO

Quis ver a Magestade o seu retrato,
Em luzido puro bronze esculpido
Quando Bartholomeu sabio, e entendido,
A' Regia pertenção se inculca exacto:

Começa a delinear logo o extracto
Apresta-se o metal já derretido
E tão bem foi na empreza succedido,
Que todo o Orbe deixou quasi insensato;

Mas soprando-lhe a sorte nesta acção,
Bartholomeu não consegue vaidade,
Inda que a Fama o leve a outra Região;

Pois elle só pertende com verdade,
Perpetuar, a gloria da acção,
E deixou satisfeita a Magestade.

Numa *Canzone* do italiano Mariano Borgonzoni Martelli encontra-se esta referencia ao fundidor:

... Lusitano illustre
Che seppe in ogni parte
Vincèr l'arte con l'arte;

O proprio Machado de Castro na sua ode *Ao rey fidelissimo Dom José I Nosso Senhor, collocando-se a sua colossal estatua equestre na praça do Commercio*, dedicou a XXII estrofe ao seu habil colaborador:

Oh quanto brilha a mole Magestosa
Com a Effigie, em que o bronze se enriquece!
Obra a mais primorosa,
Que a Fundição conhece;
Fonte da viva chama,
Que do Costa pelo Orbe estende a Fama.

O grande artista fez acompanhar os versos por esta nota:

«O Brigadeiro Bartholomeu da Costa, homem raro, que a Mão do Omnipotente quiz produzir para credito da Nação Portugueza, merecedor de que todos se empenhem em louvallo, eu o espero fazer em obra mais diffusa; atrevendo-me a dizer, (sem temeridade) que entre os maiores louvores, que se lhe derem a este respeito, não devem os que eu proferir ter o menor lugar, porque tenho mais razões para conhecer o primor, com que a Fundição exprimio tudo quanto a Escultura fez.»

Apezar destas palavras, Machado de Castro parece ter ficado, sempre, um pouco resentido pelo facto de o vulgo apreciar e elogiar mais a obra do fundidor, por este ter feito coisa que logo se via e ligar menor importancia á sua sem a qual aquela não existiria.

São estes os sentimentos que manifesta, muitos anos depois, na *Descrição analytica da estatua equestre:*

«Na multidão de versos, e algumas prosas que apparecêrão na festiva Inauguração desta Real Estatua sobre este assumpto, muitos de seus authores chamárão Estatuario da mesma Estatua ao nosso recommendavel Engenheiro, pela ter fundido; cuidando ser isto o mesmo que fazella, e que deste modo o elogiavão. Eu me compadeço de se haverem enganado tão solemnemente aquelles Literatos; sendo conduzidos a este desar pela falta de conhecimentos das Artes do Desenho. Os louvores, quando contém cousas que não ha no sujeito, não lhe mostrão, antes lha eclipsão. O nosso Engenheiro he hum Campo muito fertil, donde se podem tirar muitas palmas, muitos louros, muitas flores para lhe tecer capellas, sem os ir mendigar a terreno alheio. Delle, neste particular, póde-se dizer o mesmo que Jacinto Freire disse a outro respeito do grande D. João de Castro, *que tem por escusado furtar honra quem sabe ganhalla*. Em o nosso habil Tenente General se verifica este conceito: elle nunca repugnou mostrar ás pessoas que vão áquelle Arsenal, o meu modelo grande da Estatua (que ainda existe) (1), nem occultou em tempo algum o nome do seu Artista. A conservação deste modelo, a franqueza com que se mostra, são provas indubitaveis da generosidade com que este honrado Varão não quer absorver em si o merito alheio.»

No mesmo livro escreve ainda:

«...por cujo motivo (isto é, por ser conhecido o modo de se fundir uma grande estatua) não he a maior prova dos talentos de tão habil sujeito: para muito mais he a sua capacidade, e comprehensão; qualidades que não devo individuar, para não me expôr ao mesmo que deixo censurado nos que lhe chamárão Estatuario; pois não fallando conforme, e dignamente dessas qualidades, não deixaria de ser irrisorio o meu discurso.»

Mais tarde, em 1813, noutro lugar (2), volta a tratar do mesmo assunto:

«O Fundidor fez ou dirigio a execução das Fôrmas, que

---

(1) Ainda hoje pode vêr-se na chamada *Fundição de canhões*, a Santa Clara. No Museu de Artilharia conserva-se um modelo pequeno da estatua, um modelo da maquina que a elevou, um modelo do carro de transporte e quatro moitões que serviram no aparelho com que se elevou a estatua.

(2) *Memoria sobre a Estatua Equestre do sr. Rei D. José I*, no vol. 3.º do *Jornal de Coimbra*.

receberão depois o bronze derretido; como elas porem forão executadas immediatamente sôbre o Modêlo, que o Esculptor A. havia feito, ellas não podião deixar de imprimir identicamente o que o Modêlo em si continha.»

E anos volvidos, em 1818, publicando a segunda edição do *Discurso sobre as utilidades do desenho*, ainda ali deixou, a este proposito, uma nota onde se lê: «...a *Escultura* exige muito mais vastos estudos que a *Fusoria*.»

Jacome Ratton, nas suas curiosissimas *Recordaçoens*, não deixou de observar sobre aquele mesmo facto: «He cousa digna de se notar que pertencendo a Joaquim Machado a invenção, desenho, modelo em pequeno, e em grande da dita estatua, e a Bartholomeo somente a fundição em que foi feliz, recahisse toda a gloria, e até as recompensas neste ultimo, como se vê da inscrição que se acha no Pedestal. He como quasi sempre se regulão as cousas neste mundo: huns tem o trabalho, e outros o proveito.»

D. Fr. Francisco de S. Luiz, na *Lista de alguns artistas*, faz justiça aos trabalhos, bem diferentes, dos dois artistas: «Tudo o que he obra de *Esculptura* na Estatua, e seus ornamentos, pertence a Joaquim Machado de Castro; e com grande ignorancia, ou malevolencia, se tem pretendido dar o merecimento desta grande obra a Bartolomeu da Costa, que foi o *Fundidor*, e que executou na verdade a fundição com rara intelligencia e felicidade, mas que não foi o *esculptor*, nem o *modelador*, que são os trabalhos mais difficeis e delicados da Arte.»

O notavel critico de arte, Conde de Raczynski, no seu *Dictionnaire* mencionou o nome de Bartolomeu da Costa: «Barthélemi da Costa, modelait en porcelaine et coulait en metaux (1775). Il était lieutenant-colonel, et avait la direction de l'Arsenal. Il se chargea de couler la statue équestre du roi Joseph, et il l'a coulée d'un seul jet em 1774. Murphy a observé qu'à l'exception de la statue de Louis XIV, placée sur la place Vendôme, aucune statue de bronze, à cette époque, n'etait aussi grande. Il fut élevé au grade de lieutenant général, c'était un officier d'un mérite incontestable.» Ferdinand Denis, *l'Univers*, 1366 livraison, p. 406.»

Murphy, o conhecido autor do magnifico livro sobre o mosteiro da Batalha, dedicou estas palavras ao nosso oficial: «Nor has *Bartholomew de Coste*, the founder of this statue, been deficient of abilities, as far as related to his part; he cast the whole in one piece, without failing even in a single member; a circumstance which, one excepted, has not,

Anverso e reverso duma medalha feita com a porcelana descoberta por Bartolomeu da Costa

perhaps, occurred in any other work of the kind of equal magnitude, since the restoration of the art of casting Equestrian Statues in bronze. And yet I am not certain if this be not larger than the exception we allude to; namely, the Equestrian Statue of Louis the Fourtheenth, in the *Place de Vendome* at Paris; which, if it still exist, is twenty one French feet in height, and was cast in one piece by Balthazar Keller, a native of Zurich. But de Coste not only cast the above Statue, but also conveyed it from the foundry, and raised it on the lofty pedestal on which it stands.»

E Balbi no *Essai statistique de Portugal* escreveu: «Bartholomeu da Costa, qui de simple soldat d'artillerie sut s'élever par son talent jusqu'au grade de *Tenente general,* dans lequel il est mort en 1801; il a eu la gloire de réussir à fondre d'un seul jet la statue équestre de Joseph 1.er, et de trouver la porcelaine en Portugal.»

Por ocasião dos preparativos para a fundição da estatua, deu-se um facto notavel para a historia das artes em Portugal. Queremos referir-nos aos ensaios feitos por Bartolomeu da Costa com a porcelana, assunto este que já foi superiormente tratado pelo nosso amigo o sr. D. José Pessanha em diversos logares (1).

As primeiras tentativas feitas entre nós para o fabrico da porcelana datam do derradeiro quartel do seculo XVIII, tendo Bartolomeu da Costa ligado a elas o seu nome.

Num documento sem data (2), transcrito pelo sr. Pessanha, relata aquele fundidor as suas experiencias: «Trabalhando em descobrir o barro que fosse mais infusivel para os fornos da fundição do metal, e achando alguns que tomaram maior grau de dureza com a continuação do fogo dos mesmos fornos, me persuadi achar cousa mais interessante a que se applicasse, do que só do uso dos ditos fornos; e, com effeito, achei que se poderia fazer, como fiz, a porcelana, tão perfeita como a melhor da India, França e Saxonia. Trabalhei

---

(1) O trabalho do sr. D. José Pessanha foi publicado, primitivamente, sob o titulo de *A porcelana em Portugal. Primeiras tentativas* no 1.º vol. do *Archivo historico,* 1903; depois na revista *Terra portugueza,* n.os 29 a 36 com alguns aditamentos e finalmente, em 1923, no vol. X da coleção *Subsidios para a historia da arte portugueza,* publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

(2) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Documentos vindos do Ministerio do reino,* maço 1.000.

perhaps, occurred in any other work of the kind of equal magnitude, since the restoration of the art of casting Equestrian Statues in bronze. And yet I am not certain if this be not larger than the exception we allude to; namely, the Equestrian Statue of Louis the Fourtheenth, in the *Place de Vendome* at Paris; which, if it still exist, is twenty one French feet in height, and was cast in one piece by Balthazar Keller, a native of Zurich. But de Coste not only cast the above Statue, but also conveyed it from the foundry, and raised it on the lofty pedestal on which it stands.»

E Balbi no *Essai statistique de Portugal* escreveu: «Bartholomeu da Costa, qui de simple soldat d'artillerie sut s'élever par son talent jusqu'au grade de *Tenente general,* dans lequel il est mort en 1801; il a eu la gloire de réussir à fondre d'un seul jet la statue équestre de Joseph 1.er, et de trouver la porcelaine en Portugal.»

Por ocasião dos preparativos para a fundição da estatua, deu-se um facto notavel para a historia das artes em Portugal. Queremos referir-nos aos ensaios feitos por Bartolomeu da Costa com a porcelana, assunto este que já foi superiormente tratado pelo nosso amigo o sr. D. José Pessanha em diversos logares (1).

As primeiras tentativas feitas entre nós para o fabrico da porcelana datam do derradeiro quartel do seculo XVIII, tendo Bartolomeu da Costa ligado a elas o seu nome.

Num documento sem data (2), transcrito pelo sr. Pessanha, relata aquele fundidor as suas experiencias: «Trabalhando em descobrir o barro que fosse mais infusivel para os fornos da fundição do metal, e achando alguns que tomaram maior grau de dureza com a continuação do fogo dos mesmos fornos, me persuadi achar cousa mais interessante a que se applicasse, do que só do uso dos ditos fornos; e, com effeito, achei que se poderia fazer, como fiz, a porcelana, tão perfeita como a melhor da India, França e Saxonia. Trabalhei

---

(1) O trabalho do sr. D. José Pessanha foi publicado, primitivamente, sob o titulo de *A porcelana em Portugal. Primeiras tentativas* no 1.º vol. do *Archivo historico,* 1903; depois na revista *Terra portugueza,* n.os 29 a 36 com alguns aditamentos e finalmente, em 1923, no vol. X da coleção *Subsidios para a historia da arte portugueza,* publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

(2) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Documentos vindos do Ministerio do reino,* maço 1.000.

pondo em execução estes pensamentos; e, no discurso do laborioso trabalho de anno e meio, conclui as experiencias que mostram as amostras; porem, para dar principio ás minhas ideias, entrei, com grande trabalho, a examinar os auctores de maior nota e mais válidos em suas opiniões, a respeito desta materia; e, por conclusão, achei que, das porcelanas da Europa, todos unanimemente dizem que as fabricas teem costume inalteravel de occultarem com o maior segredo, não sómente as materias que compõem a sua porcelana, mas tambem as differentes formas da sua manobra; e sómente nos dão umas relações tiradas do P.e du Halde e mais missionarios que escreveram a respeito da China; e, por conclusão, não pude tirar instrucção alguma a respeito da Europa. M. de Réaumur (o primeiro que nisto fallou) teve meios de alcançar as materias com que se compunha a da China; e, ligando-as, diz fizera porcelana egual á da India; e empenhando-se na diligencia de achar iguais materias em França, que podessem igualar ás de China, nunca poude concluir tal descobrimento. Isto mesmo declarou á Academia das Sciencias, em França, e concluiu dizendo que as porcelanas são consideradas como meias vitrificações, com a differença que a da India, levada uma vez ao seu grau de cozimento, sustem o maior grau de calor, sem que chegue a total vitrificação. A *Encyclopèdie* nos ensina o mesmo; pois diz terem-se empregado a servir de descanso ás materias mais difficeis de fundir pelos mais fortes espelhos ardentes, sem que padeçam alteração alguma; e todos os mais teem seguido esta mesma opinião, assim como tambem aquella de que o maior grau de bondade consiste em suster o maior grau de fogo.

«A este respeito, acho que, fazendo eu vaso da minha porcelana e mettendo-lhe alguns cacos da da China juntos com outros da minha mesma, achei que a da China se vitrificou perfeitamente, pois que correu de maneira que a materia ficou vidro, occupando os intersticios e prendendo os cacos da minha, os quais ficaram sem discrepancia no seu primeiro estado e, consequentemente, sem damno, presos, como se vê da mesma amostra. E, se o vaso e cacos puderam supportar o fogo que fez vitrificar e correr os da China, parece-me se não pode negar ser a minha mais forte e melhor.

«Emquanto á brancura, sem duvida nenhuma que, na Europa, não a ha tão boa como a da Fabrica de Sèvres; porque no anno de 1760, tomando el-rei de França esta fabrica por sua conta, no anno de 1762 encarregou a Mr. Hellot, membro da Academia das Sciencias de França e da Sociedade de

Londres, e a Mr. Macquer, tambem membro da Academia das Sciencias e doutor regente da faculdade de medicina e antigo professor de pharmacia, o aperfeiçoá-la, na melhor forma que seus laboriosos estudos o permitissem; e, com effeito, chegaram a fazer mil e oitocentos experimentos no discurso de dois annos, como nos expõe Mr. Baumé, boticario, e demonstrador em chimica, o qual foi convidado para este grande trabalho; e nella se trabalham as peças de esculptura na ultima perfeição, sem verniz ou vidro algum, conservando-se no seu grau de cozimento sem que o barro haja de tomar lustro, sendo esta a melhor circumstancia, pois que os marmores, para serem perfeitamente acabados, se não pulem, porque, pulindo-se, faz desagradavel á vista, parecendo ficar imperfeitos os musculados da figura.

«A minha é muito mais branca, como se vê nas amostras; parece que, tambem neste ponto, não se duvidará ser mais perfeita. Emquanto á sua dureza interior, faz ou soffre o mesmo que a da China, desatando fogo á pancada do fusil; e, emquanto á sua grã, compacto e transferencia, é egual á da China.

«A ultima parte da perfeição, na porcelana, consiste no seu vidro ou verniz, capa de fóra. Nesta parte, a de Saxonia excede á da China, porque é mais infusivel e clara, segundo o seu experimento. O vidro da minha porcelana me parece excede a ambas, porque, juntando um caco vidrado da Saxonia com outro vidrado da minha, o meu susteve o grau de calor perfeitissimamente e o de Saxonia correu.

«Não tenho feito exame algum a respeito da manufactura, ornatos exteriores e pinturas, por ser laborioso este trabalho e não ter certeza da acceitação dêste meu primeiro descobrimento.»

Nestes trabalhos e invenções, observa o sr. D. José Pessanha, parece ter tido influencia, agora dificil de avaliar com rigor, João Drouet, fundidor francês, a quem já nos referimos e que, com Pedro Brocard, fôra contractado para dirigir os trabalhos de fundição do Arsenal do Exercito (1).

---

(1) A estes individuos se referem duas cartas, publicadas pelo mesmo autor, escritas por Martinho de Melo e Castro, nosso ministro em Londres, e uma do Marquês de Pombal em resposta á que lhe é dirigida.

Nelas encarece o valor dos dois estrangeiros, o segundo dos quais trabalhara sob as ordens do primeiro, na fabrica d'Angoumois e Périgord. Fundiam e brocavam peças e haviam trabalhado tambem em Espanha.

A proposito destes ensaios escreveu o medalhista Lopes Fernandes [1]: «Bartholomeu da Costa descobriu uma porcelana com a qual fez varios objectos delicados, e differentes retratos e medalhas,...»

Continuando a seguir os importantes trabalhos do sr. D. José Pessanha. enumerarêmos estes varios objectos.

Daremos o primeiro lugar a um serviço de chá, pertencente a João da Rocha Sousa e Lima, que figurou na exposição de ceramica realisada no Porto, em 1882, pela *Sociedade de Instrução*, e que se compunha de varias peças.

Delas disse [2] o ilustre critico de arte, o sr. Joaquim de Vasconcelos: «Suppomos serem estas peças um resultado dos ensaios do tenente general Bartholomeu da Costa (1774)».

Veem depois três medalhas [3] das quais, devido ao favor do nosso amigo o sr. dr. Artur Lamas, damos as respectivas reproducções: 1.ª Medalha branca, em fórma de ediculo, representando o aparelho com que foi elevada da casa da fundição, e colocada no carro que a transportou até ao Terreiro do Paço, a estatua equestre; 2.ª Medalha retangular branca com as armas reaes e as inscrições que se leem na gravura e 3.ª Medalha circular representando a estatua equestre e com diversas inscrições que, egualmente, se leem na estampa.

Ha além destas, outras pequenas medalhas ovaes, no genero Wedgewood, com os bustos de D. Maria I, Principe D. José, D. Maria I e D. Pedro III, D. Carlota Joaquina e uma circular alusiva á protecção concedida pela França aos Estados Unidos contra a Inglaterra.

Destas ultimas existem no *Museu de Artilharia* os respectivos cunhos de João de Figueiredo, com os quaes, provavelmente, Bartolomeu da Costa fez as reproducções em porcelana.

O sr. D. José Pessanha cita ainda uma medalha que apareceu na referida exposição de 1882, apresentada pelo escritor Tito de Noronha, com a estatua equestre no anverso e no reverso a legenda em quatro linhas: *Porcelana descoberta por Bartholomeu da Costa no anno de 1773 feita por F. A. Rapozo em 1834.* Segundo a opinião do sr. Joaquim de Vas-

---

(1) A pag. 42 da *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas.*

(2) A pag. 60 da *Exposição de ceramica*, Porto 1883.

(3) Todas estas medalhas foram reproduzidas nos excelentes livros: *Ceramica* por José Queiroz, Lisboa 1907 e *Medalhas portuguezas e estrangeiras referentes a Portugal* por Artur Lamas, Lisboa 1916.

concelos parece ser uma das principaes peças de ensaio da fabrica da Vista Alegre (1).

O capitão de engenheiros Manuel de Sousa, no manuscrito a que já nos referimos, elogia as tentativas de Bartolomeu da Costa:

«Não deixarei em esquecimento, para gloria da nação, o novo descobrimento que vimos em Portugal, em nossos dias. As nações mais potentadas e polidas da Europa ha muitos annos que andam apostadas no descobrimento da porcelana, trabalhando baldadamente por desbancarem os japoneses. Desde o anno de ...., em que Réaumur começou esta empresa, lhe tem outros imitado o zêlo; e, bem que se tenham esmerado, nunca puderam, até agora, imitar-lhe a rijeza e candura. Introduziram na sua construcção a pedra hume; mas foi tentativa infructuosa. Toda a porcelana da Europa se pode fundir dentro da da China.

«Tempo havia já que Bartholomeu da Costa, tenente-coronel engenheiro, de quem já fallamos, e fallaremos ainda, estudava nesta composição; e, com a aberta que lhe deu a escolha dos barros na fundição da real estatua, fez as suas primeiras experiencias da porcelana. Saiu esta infinitamente melhor que todas as de que temos noticia, e superior á mesma do Japão; pois, por uma constante experiencia, se chega a do Japão a fundir dentro nella. Tem uma alvura incomparavel; e tal consistencia, que, impresso nella um delicado cunho, conserva os mais ligeiros rasgos do buril. A este genio, verdadeiramente raro, devemos esta invenção, em que inutilmente se tem esmerado tantos talentos raros e genios sutis.»

Volkmar Machado escreveu (2): «João de Figueiredo, em 1775, abrio huma medalha de 3 polegadas de diametro representando a Estatua Equestre do Senhor D. José I.º, e foi impressada em varios metaes, e em porçolana de Bartholomeu da Costa, a qual sendo tão clara, e diafana como a da

---

(1) Lê-se no interessante folheto do sr. Marques Gomes *A Vista Alegre. Apontamentos para a sua historia*, Porto 1883, a pag. 21: «Parece que as experiencias de Bartholomeu da Costa para obter a porcelana dura, foram feitas na antiga fabrica do Rato, empregando como materia prima, differentes barros explorados nas visinhanças de Aveiro».

Diz mais este ilustre escritor afirmar-se, sem fundamento, serem estes barros de Talhadella, concelho de Albergaria. Refere-se tambem ás medalhas, a pag. 22.

(2) A pag. 279 da sua *Collecção de memorias*, etc., Lisboa 1823.

China, resistiu muito mais que ella ao ferro, e ao fogo. Em 82, fez o punção do Retrato da Senhora D. Maria I.ª para os Camafeos de porçolana do mesmo Bartholomeu, que se usarão em anneis.»

Num livro (1) de José Acurcio das Neves encontra-se esta referencia: «Duas tentativas se tem feito para introduzir em Portugal a manufactura da porcelana: huma mais antiga pelo Tenente-General *Bartholomeu da Costa*, que chegou a fabricar mui bellas peças desta louça, que forão apresentadas á Senhora Rainha *D. Maria I*, a qual não progredio por falta de auxilios: outra mui recente por *José Ferreira Pinto Basto*, que actualmente se esforça para levar ao fim esta empreza na sua fabrica d'Aveiro.»

Como se vê nenhum destes autores se refere á intervenção do francês João Drouet nos ensaios ceramicos do nosso tenente general, porém Jacome Ratton, no curioso livro *Recordaçoens*, deu a entender, conforme se lê nos extractos que fizemos, que este artista havia influido grandemente nos trabalhos do mesmo oficial.

Combinando estas diferentes opiniões entre si e com o testemunho do autor, anonimo, dum manuscrito que atraz citámos, pelo qual se conclue que «foram devidas, mais a favoritismo do Marquês de Pombal, do que a merecimentos reaes e provados, as valiosas recompensas que o nosso engenheiro alcançou», o sr. D. José Pessanha chega a esta conclusão: «Em face dêstes depoimentos, e restringindo as nossas conclusões ao objecto dêste esboço historico, julgo poder affirmar-se que o descobrimento do kaolino em Portugal se deve a João Drouet, pertencendo a Bartholomeu da Costa unicamente a gloria de haver multiplicado entre nós as applicações dessa argilla, com que o seu descobridor apenas fabricára tijolos.»

E recentemente, na conferencia realisada em 21 de Junho de 1924 no Museu Nacional de Arte Antiga por ocasião da exposição comemorativa do 1.º centenario da fundação da Fábrica da Vista Alegre (2), precisou mais aquelas palavras: «Seja como fôr, e embora caiba a Drouet a gloria de ter descoberto em Portugal a argila refractária, é incontestável que os primeiros espécimes de porcelana obtidos no nosso país são obra de Bartolomeu da Costa».

---

(1) *Noções historicas, economicas*, etc., Lisboa 1827.
(2) *A Porcelana em Portugal. A Fábrica da Vista Alegre*, Lisboa 1924.

Em 1776 foi encarregado pelo Marquês de Pombal de estabelecer nas ruinas do Convento de Santa Clara em Lisboa um trem ou deposito para a artilharia.

Assim o declara num segundo requerimento, de que, adiante, nos servirêmos: «No anno de 1776 em razão dos preparativos de guerra, que se mandarão fazer, e da grande actividade com que se devião executar, não havendo no Arsenal os comodos suficientes para este objecto, se estabeleceu nas ruinas do Convento de Santa Clara desta Cid.e o Parque de Art.a, por ordem do Min.o e secretario d'Estado Martinho de Mello e Castro, assistindo, e fazendo applicar a maior brevid.e na construcção de grande parte do Trem d'Artilhr.a, de Instrumentos de Guerra, que prezentemen.te se achão em os Armazens do d.o Parque,...»

No mesmo documento vai alegando outros serviços por ele prestados: «... e continuando o Supp.e com o m.mo zêllo a servir com o d.o Min.o e Secretario d'Estado, veio depois a ser incumbido por elle de muitas outras Obras, como foi o estabelecimen.to da Fundição de Ferro fundindo-se Ballas, Bombas, e Granadas, que excedem em bond.e as q. de Inglaterra tem vindo para o Real Serviço, executando estas differentes operaçoens pelas noçoens, q. o d.o Min.o lhe dera do q. vira praticar em Inglaterra».

Introduziu ainda, segundo Souza Pinto que naturalmente teve á sua disposição os documentos comprovativos, melhoramentos na administração da fabrica de polvora e foi nomeado superintendente das ferrarias de Tomar e de Figueiró e do engenho da Foz d'Alge, assim como de todas as minas de carvão de pedra do reino.

No segundo requerimento escreveu o ilustre general: «O m.mo praticou o Supp.e na Real Fabrica da Polvora, inventando methodos, e maquinismos, não praticados em outra parte, conseguindo aperfeiçoar a d.a Fabrica de sorte q. excede a todas, q. se conhecem na Europa, tanto pela facilidade de manipulação, como na qualid.e e força da Polvora,...»

A ele se devem, continua o mesmo Sousa Pinto, muitos melhoramentos e inovações nas fabricas de Polvora de Barcarena e Alcantara tais como: a maquina de misturar os ingredientes, os granuladores, o peneiro de separar a polvora bombardeira da fina, alterações no moinho de galgas, abandonando as mós de pedra, pelo perigo resultante do seu emprego, e pela morosidade e irregularidade com que moiam as tarefas.

Por todos estes serviços teve a pensão de 600$000 réis, concedida por D. Maria I, de que não encontrámos o respectivo documento, pelo que nos servimos do testemunho daquele escritor militar.

Havendo o Duque de Lafões projectado fundar uma academia, a Academia Real das Sciencia de Lisboa, foi dela socio efectivo e fundador e o seu primeiro tesoureiro, tendo assinado, em 16 de janeiro de 1780, a sua primeira acta, juntamente com aquele benemerito titular e os socios Correia da Serra, Gonçalo Xavier de Alcaçova, João Faustino, Teodoro d'Almeida, Pedro José da Fonseca, Joaquim de Foyos e Visconde de Barbacena (1).

Dessa acta consta que Bartolomeu da Costa foi colocado na classe de Sciencias de Observações.

Foi tambem, em 2 de Outubro de 1780, nomeado para fazer parte de uma comissão academica, estabelecida segundo o § 10.º do Plano de Estatutos, para promover a agricultura, as artes e as industrias particulares.

Das suas relações com a Academia apenas conhecemos os documentos que transcrevemos em nota (2).

Não encontrámos no arquivo da Academia quaesquer memorias ou comunicações suas.

---

(1) *Boletim da classe de Letras*, vol. XII, 1920, pag. 794 e 795.

(2) Documentos transcritos a pag. 750 e 752 do *Boletim da classe de Letras*, vol. XIV, 1922:

«Snr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo. — Remeto pello correio cento e quarenta e quatro mil reis, e hum Barometro com seu Termometro, que a Academia das Sciencias determinou lhe remetece para a diligencia de que se acha incumbida. Espero me faça o favor de me remeter o recibo do dinheiro, e do Barometro separados. Estimei ter esta ocasião de executar o que a Academia determina, para a ter de lhe pedir me determine as suas ordens, e me reconheça por seu — Lx.ª 1.º de Agosto de 1789. — M.to venerador e obrig.mo C. Bartholomeu da Costa.»

«Snr. P.e Joze Correia. — Remeto a carta que tinha feito para Coimbra, e não foi porque não quizerão tomar conta do Barometro, o qual hia em caixa de madeira para não ter ruina na jornada; dicerão que pello estafeta he que devião remeter, e como não foi o barometro não remeti dinheiro, mas se quizer que mande entregar o dr.º no Correio ou que se tire letra no Tabaco amanhã o farei e lha remeterei para quando lhe escrever lha mandar; mas o Barometro não sei o que se deve fazer. Com a sua determinação, tudo se executará. Fico dezejando lhe continue perfeita saude pois verdadeiramente lha deseja e felicidades quem he — De Vm.ce — Caza 21 de Agosto de 1789. — M.to am.º venerador e obrg.mo C. — Bartholomeu da Costa.»

Ainda no mesmo vol., a pag. 865, se encontra esta referencia, numa carta do Visconde de Barbacena ao socio Vandelli, que continuou os en-

Num Alvará de D. Maria I, de 21 de Março de 1781 (1), foi nomeado João da Cunha d'Eça para dirigir o Arsenal do Exercito, em substituição do falecido marechal de campo Manuel Gomes de Carvalho e Silva, durante a menoridade de José Xavier da Cunha de Eça Teles de Menezes, filho do falecido, a quem faz mercê da propriedade do emprego de Tenente General da Artilharia do Reino.

Nesse Alvará ha uma importante referencia a Bartolomeu da Costa que passamos a transcrever: «...Intendencia Geral das Fundiçoens de Artilharia e Lavoratorios dos Instrumentos Belicos deste Reyno, de que está encarregado o Brigadeiro Bartolomeu da Costa, e em que tem cumprido á minha satisfação correspondendo ao muito, que confio do seu prestimo e talentos;...»

A este facto alude Bartolomeu da Costa no seu segundo requerimento: «Passando depois o Supp.e, por ordem de V. Mag.de participada pelo Prezidente do Real Erario a servir para instrucção do Ten.te Gen.al da Art.a do Reino Joze X.er da Cunha d'Eça Telles e Menezes Carv.o e S.a, por espaço de dois annos, teve a satisfação de fornecer o Arsenal dos generos mais proprios ás Obras a q. se destinavão, e de melhor qualidad.e, pelos mais modicos preços, q. chegarão a entrar alguns por metade dos preços por q. antecedentem.te entravão, fazendo q. se observasse o 9.o artigo das Condiçoens do Contrato do Pano da Madeira, no qual se declara aos Arrematantes, que será livre de Direitos, tudo o que vier p.a gasto dos Arsenaes Reaes, assim como promoveu entrarem outros generos sem pagar Dir.tos n'Alfandega, na conformidade do Real Decreto de 22 de Maio de 1773, que determina serem livres de Dir.tos na Alfandega todas as materias precizas p.a o fornecim.to dos Arsenaes, o q. dantes se não observáva, com grande prejuizo da Real Faz.da.»

Por esta epoca estabeleceu no Arsenal o uso dos, atual-

---

saios ceramicos de Bartolomeu da Costa: «Fui entregue dos camafêos, que na qualidade de Porcelana não me parecem inferiores aos do Brigadeiro, e espero que depois de feita a nova fôrma, o não sejão em couza alguma.»

E a pag. 869: «Não pode remetter já as medalhas, porque ainda o Snr. Brigadeiro lhas não mandou, mas como elle prometteu, que hoje as entregaria, logo que chegarem as remetterei.»

(1) Torre do Tombo, Chancelaria de D. Maria I, liv. 16, fl. 190 v. Transcrito por Sousa Viterbo a pag 237 do 1.o vol. do *Diccionario .. dos architectos*, porem com a data de 21.

mente, chamados *passes de saída* do pessoal e as *guias de artigos*, como se depreende destes curiosos periodos do citado requerimento: «Neste m.mo tempo estabeleceu o methodo com q. se faz o pagam.to aos operarios das officinas; e a boa arrecadação das m.mas officinas, por meio de hũa Escripturação, q. em cada hũa creou, p.a ao m.mo tempo se saber os generos, q. entrão e se gastão, e as differentes obras, que se fazem, prohibindo igualm.te não poder sahir coiza algũa das Officinas, sem q. os Escripturarios passem hum bilhete p.a os Porteiros a deixar sahir, e outro similhante, q. acompanhasse a Obra, ou coiza remettida, para trazer nelle o recibo de que ficava entregue; providencias, q. até então não havião; o que tudo mereceu a Real Approvação de V. Mag.e.»

Ainda por este tempo consta, segundo Sousa Pinto, ter sido encarregado da construção do dique e carreiras de construção dos navios de guerra do Arsenal de Marinha (1) e da administração dos pinhaes de Leiria.

Em 17 de Junho de 1785 fazia a *Gazeta de Lisboa* a seguinte importante referencia ao brigadeiro Bartolomeu da Costa: «Vienna, 11 de maio. Mr. Miguel antigo machinista da imperatriz da Russia, que se acha actualmente neste paiz, tendo visitado os novos arsenaes e observado que os munhões das peças eram limados com muito trabalho e gasto de tempo, ficando não obstante imperfeitissimamente redondos, inventou uma machina para os tornear e pulir perfeitamente, e, julgando-se esta invenção uma das mais preciosas na artilharia, o imperador ordenou, que della se fizesse uso. O descubrimento de Mr. Miguel assima mencionado no artigo de Vienna, nos dá uma grata occasião de fazer justiça ao merecimento d'um bom Patriota, que pelos seus talentos, erudição e zelo, com que procura promover objectos de publica utilidade, faz honra á nação portugueza, e é digno da gratidão geral: competindo-lhe aliás com mais justo titulo a gloria d'aquella invenção, de que na Allemanha se tem feito tanto caso. Este é o brigadeiro dos reaes exercitos Bartholomeu da Costa, intendente geral das reaes fundições d'artilharia e laboratorios dos

(1) A pag. 105 do *Catalogo official dos objectos enviados á exposição industrial portugueza em 1889, etc.*, por José Candido Corrêa, Lisboa, lê-se, transcrito de uma noticia inserta na *Lista geral dos officiais e empregados da Marinha e ultramar, 1851*, este periodo: «A construcção do dique e das carreiras de construcção dos navios de guerra, foram obra do illustre Tenente General Bartholomeu da Costa».

instrumentos bellicos, director das minas de ferro e carvão, e socio da Academia Real das Sciencias, o qual entre outros descobrimentos com que se tem distinguido, inventou uma maquina, que já desde 1766 se acha estabelecida na real fundição desta cidade, e a qual é tão simples e solida, que com muita facilidade tornêa os munhões das peças e morteiros, e com tal perfeição, que ainda que os munhões não estejão bem collocados pela fundição, ou brocado da peça, elles por meio destas maquinas ficam, alem de bem torneados e polidos, bem perpendiculares á alma da peça. Outra nova maquina do mesmo auctor se acha desde o mesmo tempo estabelecida para tornear os morteiros, deixando-lhes só os lugares destinados para os ornatos: e do mesmo modo serve para tornear as peças. Mal suppõem os allemães quanto nós os precedemos nestes artefactos pelo raro engenho de quem os dirige.» (1)

No ano de 1786 foi agraciado com o habito da Ordem de Cristo (2) como consta d'este documento:

«Tendo feito mercê a Bartholomeu da Costa, Brigadeiro de Meus Reaes Exercitos, com o Exercicio de Engenheiro, do Habito da Ordem de Christo *com cento e sincoenta mil réis de Tença effectiva*, por hum effeito de pura graça e Real Beneficencia Minha: E querendo que esta mercê se ponha logo em effeito, e que Elle appareça na Minha Real Prezença con-

---

(1) *Gazeta de Lisboa*, suplemento n.º 22 de 17 de junho de 1785, transcrita pelo general Cordeiro no seu livro e por Souza Viterbo nos *Inventores portuguezes* a pag. 238 do vol 48.º do *Instituto*.

(2) Encontrámos porém, na Torre do Tombo, outro documento pelo qual se conclue que a concessão desta mercê é do ano de 1774:

«Por Decreto de S. Magestade de 5 de Dezembro de 1774, El-Rey Meu Senhor, Tendo consideração aos uteis serviços, que Bartholomeu da Costa, Brigadeiro de Infanteria, com exercicio na Artilharia, lhe tem feito no adeantamento dos laboratorios e Fabricas do Seu Real Arsenal da Corte, e Cidade de Lisboa; Ha por bem fazer-lhe mercê (alem de outras) do Habito da Ordem de Christo *com duzentos mil réis* de Tença effectiva, nos Almoxarifados do Reino em que couberem, sem prejuizo de terceiro, e não houver prohibição, com o vencimento na forma das Reaes Ordens; dos quais duzentos mil réis logrará doze o mesmo Bartholomeu da Costa, a titulo do dito Habito da Ordem de Christo, que lhe tem mandado lançar. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 8 de Dezembro de 1774. Marquez de Pombal.»

Segue o seguinte:

«El Rey Meu Senhor ha por bem mandar lançar o Habito da Ordem de Christo a Bartholomeu da Costa, para o ter com doze mil réis de Tença effectiva; e manda que para o receber se façam as provanças, e habilita-

decorado com o Habito da referida Ordem: Hey por bem de o haver por habilitado, para que possa receber o mesmo Habito, sem Provanças algumas e Habilitaçoens de sua Pessôa: Dispensando-o outro sim do impedimento de mayor idade; da aprezentação de todas e quaesquer certidoens que deveria apresentar; e da de mostrar folhas corridas; e para que na Igreja do Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, extra muros desta Cidade de Lisboa, possa receber e logo professar o referido Habito; não obstante quaesquer Estatutos, e Definiçoens da mesma Ordem de Christo que sejam em contrario. A Meza de Consciencia e Ordens o tenha assim entendido, e lhe mande expedir os Despachos necessarios. Palacio de Lisboa em vinte e hum de Agosto de mil setecentos outenta e seis. = *(Rubrica indecifravel).*»

No verso deste documento lê-se:

«Visto estar o Habilitando o Brigadeiro Bartholomeu da Costa dispensado por Sua Mag.de por este Decreto de 21 de Agosto proximo passado das habilitaçoens a que se devia proceder e de todas as mais Delig.cas havendo-o Sua Mag.de por habilitado, dispensando-o igualmente no impedimento de maior idade, em observancia do mesmo Decreto o julgão hab.º p.a receber o Abito de Cristo e mandão se lhe passe certidão em forma. Meza 2 de Setr.º de 1786 (1)».

Ha ainda outros documentos relativos á concessão deste habito, que damos em seguida (2):

«Sua Mag.e, como Governadora e perpetua Administradora do Mestrado, Cavalleria e Ordem de N. S.r Jesus Christo, Houve por bem mandar prover do habito da mesma ordem no Mosteiro de N. Senhora da Luz, extramuros desta cidade,

---

çoens de sua Pessoa, na forma dos Estatutos, e Definiçoens da mesma Ordem. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 8 de Dezembro de 1774. Marquez de Pombal.»

Machado de Castro refere-se a esta concessão, no vol. II do *Jornal de Coimbra*, quando ali se queixa da injustiça com que foi tratado: «Bartholomeu da Costa, que fundio a Estatua, e era Tenente Coronel de Engenheiros, ou Bombeiros, passou a Brigadeiro com o soldo dobrado, e Habito de Christo com 200$ rs. de Tença.»

(1) Este documento e o transcrito na nota anterior foram por nós copiados das respectivas habilitações existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

(2) Copiados de pag. 237 e 238 do 1.º vol. do *Dicionario historico documental dos architectos, engenheiros, etc.*, por Sousa Viterbo, que os encontrou na Torre do Tombo, *Registo de Mercês de D. Maria I*, liv. 20, fol. 193 e seg.

ao dito Brigadeiro B.meu da Costa, dispensando-o nas habelitações a que se devia proceder e de todas as mais diligencias, havendo-o por habilitado e dispensado do impedimento de mayor idade, de que se lhe passou carta em 4 de septembro de 1786».

«Sua Mag.e, como Governadora e perpetua Administradora do Mestrado, Cavalleria e Ordem de N. S.r Jezus Christo: Attendendo ao notorio merecimento e util serviço que o dito B.meu da Costa, Brigadeiro de Infanteria dos seus Exercitos, com exercicio de Engenheiro, lhe tem feito e continua a fazer no Arsenal Real do Exercito com credito do seu nome e da sua profissão: querendo mostrar-lhe a satisfação que tem do seu grande zello e destinto serviço, e animar a outros para imitarem o seu louvavel exemplo: Houve por bem e por pura graça e Real Beneficencia fazer-lhe mercê do habito da Ordem de Christo com 150$000 r.s de tença effectiva, que se assentarão nos Almoxarifados do Reino, em que coubessem, sem prejuizo de Terceiro, e não houver prohibição e sem que esta mercê haja de ficar de sorte algua sendo parte da remuneração dos seus serviços quando Sua Mag.e houver de lhos atender e remunerar, e em seu cumprimento se lhe passarão em seu nome os competentes Padrões da mencionada quantia para os assentar na sobredita forma desmembrando-se da referida quantia a de 12$000 r.s para os ter a titulo do habito da Ordem de Christo que lhe tem mandado lançar. A complemento do que Ha Sua Magesgestade por bem fazer mercê ao dito B.meu da Costa de 12$000 r.s de tença effectiva cada anno em sua vida somente para os lograr a titulo do Habito da Ordem de Christo que lhe tem mandado lançar, os quaes lhe serão assentados em hum dos Almoxarifados do Reino em que couberem sem prejuizo de Terceiro e não houver prohibição com o vencimento de 21 de Agosto do anno passado de 1786, que he o dia do despacho desta mercê até o do assento e será na forma que Sua Mag.e rezolver na consulta do Conselho da Fazenda, e esta mercê lhe faz com a clausula geral na forma do Decreto de 17 de Janeiro de 1689, de que se lhe passou Padrão em 27 de Dezembro de 1786.»

«Sua Mag.e, pelos mesmos motivos declarados no assento acima, Ha por bem fazer mercê ao dito B.meu da Costa dos referidos 138$000 r.s de tença effectiva cada anno em vida, os quaes lhe serão assentados em um dos Almoxarifados do Reino, em que couberem, sem prejuizo de terceiro, e não houver prohibição, com vencimento de 21 de Agosto de 1786,

dia da Portaria desta mercê até o do assento será na forma que Sua Mag.e rezolver na Consulta do Concelho de Fazenda. Esta mercê lhe faz com a clausula geral na forma de Decreto de 17 de Janeiro de 1689, de que se lhe passou Padrão em 15 de Dezembro de 1786.»

«Por decreto de S. Mag.e de 3 de Abril de 1786: A Raynha N. Sr.a tendo consideração a lhe reprezentar o Brigadeiro B.meu da Costa achar-se deferido com 138$000 r.s de tença effectiva, de que ainda não tinha feito o competente assentamento, e dezejava renunciallos a favor de seus sobrinhos Ricardo Alvares da Costa, B.men Alvares da Costa e Ignacio Alvares da Costa: Ao que atendendo a mesma Sr.a Ha por bem e por graça concederlhe faculdade para que possa renunciar a favor dos ditos seus sobrinhos Ricardo Alvares da Costa, B.meu Alvares da Costa e Ignacio Alvares da Costa, os 138$000 r.s de tença effectiva com que se acha deferido por Padrão de 15 de Dezembro de 1786. E por haver feito a renuncia da mencionada tença repartidamente entre os ditos seus sobrinhos se lhes passarão Padrões em em seus nomes das concurrentes quantias, que se assentarão nos Almoxarifados do Reino em que couberam sem prejuizo de terceiro e não houver prohibição, com o vencimento na forma das Reaes ordens, e o Padrão acima acuzado se rasgará, pondosse á margem de seus registos as verbas e declarações necessarias. Villa das Caldas em 10 de mayo de 1788. Visconde de Villa Nova da Cerveira. E em cumprimento do que Ha Sua Mag.e por bem fazer mercê ao sobredito Ricardo Alvares da Costa de 46$000 r.s de Tença effectiva cada anno em vida, que he a terça parte dos 138$000 r.s de tença com que seu tio o Brigadeiro B.meu da Costa havia sido deferido como acima se declara, os quaes lhe serão assentados em hum dos Almoxarifados do Reino, em que couberem sem prejuizo de terceiro e não houver prohibição, e o vencimento delles na forma das Reaes Ordens e com as mais declarações declaradas no Padrão nesta incorporado, de que se lhe passou Padrão em 31 de Mayo de 1788 (1)».

Em 9 de Maio de 1789 (e não 7 de Maio de 1798, como

---

(1) Existem outros documentos relacionados com estas cessões de tenças no maço 683 dos *Documentos vindos do Ministerio do Reino,* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

escreveu o general Adolfo Loureiro) (1) foi, com outros oficiaes, promovido a Marechal de Campo, como se verifica por este documento: (2)

«Attendendo aos Serviços, qualidades e merecimentos dos Brigadeiros Agostinho Jansen Moller, Manoel Jorge Gomes de Sepulveda, Bartholomeu da Costa, João Forbes Skelater, Dom Joseph da Costa, Dom Martinho Lourenço d'Almeida, Dom Pedro da Camara de Figueiredo, Porteiro mór, João de Sampaio, Dom Manoel Joseph Lobo da Silveira, Daniel Calder, João Mac-Intire, Conde de Oeynhausen, Conde de Vimieiro, Conde de Lumiares, Gastão Joseph da Camara Coutinho: Hey por bem nomealos Marechaes de Campo dos Meus Exercitos, conservando o mesmo exercicio que actualmente tem, em quanto Eu não mandar o contrario. O Conselho de Guerra o tenha assim entendido, e lhes faça expedir os Despachos necessarios. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a Nove de Maio de mil setecentos e oitenta e nove. (Rubrica de D. João VI)».

Em 17 de Julho de 1792 foi extinto o lugar de Tenente General da Artilharia do Reino e Bartolomeu da Costa foi encarregado, oficialmente, do governo do Arsenal do Exercito, diz o general Cordeiro, sem citar os documentos em que se fundou. Sousa Pinto, porem, egualmente sem se basear em documentos, indica o ano de 1794, como aquele em que ele tomou conta daquele governo.

Naquele ano teve um conflito com a Junta dos Tres Estados que superintendia nas duas repartições: a do governo e administração dos Arsenaes Reaes do Exercito, conhecida pelo nome de *Tenencia* e a da *Intendencia Geral das Fundições de Artilharia e Laboratorio dos Instrumentos Belicos.*

E' certo que o Alvará de 21 de Outubro de 1791 (3) li-

---

(1) No artigo que lhe consagrou no *Archivo de ex-libris portuguéses*, vol. 2.º pag. 137-140, a proposito da reprodução do seu cartão de visita usado, talvez, egualmente como ex-libris.

(2) Existente na Torre do Tombo.

(3) A Junta dos Tres Estados foi creada em 1641 e começou a ter exercicio em 1643 por decreto de 18 de Janeiro do mesmo ano. Foi incumbida da inspecção sobre a economia do Arsenal Real do Exercito, seus provimentos e regimen, pelo Dec. de 14-1-1791. Foi extinta e passou a sua jurisdição para o Conselho da Fazenda e para o Conselho de Guerra, nos objectos respectivos, pelo Alvará de 8-4-1843. Os deputados da Junta eram eleitos pelo rei. O Regimento da Junta é de 29-12-1721. Vid. sobre este assunto o *Esboço de hum diccionario juridico*, por Joaquim José Caetano Pereira e Souza, Lisboa 1825.

mitou as atribuições daquela Junta, estabelecendo os justos limites delas e a competencia e jurisdição das duas referidas repartições, mas factos houve que motivaram este conflicto, que deu lugar ao segundo requerimento de Bartolomeu da Costa.

Nele diz, depois de se referir ás diferentes disposições do citado Alvará não acatadas pela Junta: «Consta porem que a Junta dos Tres Estados para se instruir dos Negocios do Real Arsenal do Exercito escolhêo o Esc.ão da Meza Grande, que interinamente serve de Tenente Gen.al, e q. tem enfundido a desordem, que hé propria de hum homem tão falto de conhecim.tos; tão intrigante, e tão cheio de defeitos, que a sua notoriedade, e a modestia dispensão ao Supp.e de os referir.»

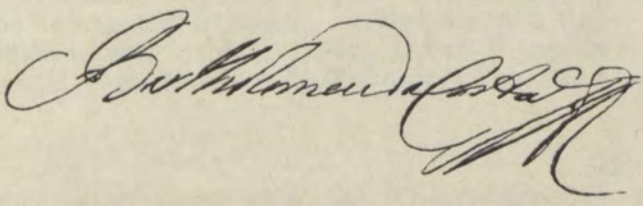
Queixa-se, em seguida, das desordens e insubordinação que, por este motivo, se tinham introduzido nas oficinas e das ordens que lhe eram enviadas, opostas ás intenções de Sua Magestade.

Continua a sua exposição: «O Supp.e não póde presencear sem dôr, e desgosto a ruina total das officinas, e da boa economia, q. com tantas fadigas, e zello estabeleceu, pelas continuas dezordens, q. todas se oppoem aos progressos, q. o Supp.e tem feito, e podia continuar a fazer na Repartição, q. V. Mag.e lhe confiou, os quaes não pode deixar de referir.»

Eis alguns dos factos apontados pelo Intendente: ter o escrivão mandado fazer diferentes obras nas oficinas, ameaçando os mestres de a Junta proceder contra eles não cumprindo estas ordens, tendo alguns sido reprehendidos pela Tenencia por se haverem negado a isso; faltas de respeito nos subordinados e incerteza nos mestres, por não saberem a quem havião de obedecer; não aceitar o escrivão as relações, informadas pelo suplicante, dos generos requisitados pelos mestres, querendo, porém, que estes pedidos lhe fossem feitos directamente; documentos insultantes para o suplicante, etc.

Neste documento alegando ter servido a S. Magestade durante «quarenta e oito annos em coisas tão notorias, e que tem merecido a geral approvação de tudo o que tem sido encarregado», lastima achar-se «na triste situação de reprezentar a V. Mag.e, q. no fim da sua carreira se recorde do q. tem feito de utilidade á Real Fazenda, e do q. prezentemente se vê obrig.do a soffrer, na sem razão da Junta dos Tres Estados encarregada da Inspecção do Arsenal Real do Exercito.»

Cartão de visita ou ex-libris usado por Bartolomeu da Costa



Fac-simile da assinatura de Bartolomeu da Costa

E conclue o documento pedindo a S. Magestade: «q. em attenção ao q. o Supp.e allega, haja de o eximir da Subordinação da Junta dos Tres Estados, como efficazmente requer, ou de o dispensar do Exercicio de Intendente Geral das Fundiçoens e Laboratorios dos Instrumentos Bellicos destes Reinos, empregando-o em outro qualquer serviço, em q. o Supp.e possa exercitar o ardente dezejo, que tem de ser util ao Real Serviço.»

Não conseguimos apurar qual teria sido o despacho deste requerimento.

Com estas divergencias que, segundo parece, vinham já de mais longe, se relaciona este documento (1): «O Senhor Marquez Mordomo Mór me communicou a carta, que V. S.a lhe dirigio com data de 26 de janeiro, á qual Sua Excellencia não deixará de responder do modo que V. S.a merece por tantos titulos. Em consequencia da mesma carta tenho prevenido a Junta dos Tres Estados de tudo que era competente sem omittir todos aquelles testemunhos de approvação, com que S. Mag.de manda louvar o zelo, prestimo e intelligencia, com que V. S.a tem desempenhado e ha de continuar a desempenhar para o futuro todos os encargos de sua incumbencia. D.s G.de a V. S.a — Palacio de Salvaterra de Magos em 3 de Fevereiro de 1791. — Luiz Pinto de Sousa. — S.r Bartholomeu da Costa.»

Em 1794 foi incumbido de examinar as minas de ferro de Figueiró dos Vinhos, conforme disse Sousa Pinto.

Em 20 de Novembro de 1796 (e não 1797, como diz Manuel de Figueiredo no *Theatro)* foi graduado em Tenente General, com outros oficiais, como consta do documento (2) que segue:

«Attendendo á qualidade, merecimento, e serviços de Bartholomeu da Costa, D. Joseph da Costa, João de Sampaio, D. Martinho de Almeida, D. Manoel Joseph Lobo, João MacIntire, Sebastião Xavier da Veiga Cabral, Jacques Filippe de Landerset, Luiz Pinto de Souza Couttinho, João de Ordaz e

---

(1) Transcrito pelo sr. Cristovão Aires a pag. 777 da *Hist. org. e pol. do exercito port.*, vol VIII de *Provas*, dum ms. do ano de 1791 da Biblioteca Nacional de Lisboa, codice n.º 8058 fl. 14.

(2) Torre do Tombo, Cons. de guerra. Dec. maço 126, n.º 154. Vem a pag. 214 do vol. VIII *(Provas)* da *Historia organica*, etc., do sr. C. Aires e foi citado a pag. 237 do 1.º vol. do *Dicionario dos arquitectos* etc., por Sousa Viterbo.

Queiroz, Gonçalo Pereira Caldas, Rodrigo de Souza da Silva Alcoforado, Martinho de Souza e Albuquerque, Fernam Pereira Leite de Foios, Marquez de Angeja, Conde de S. Lourenço, e Marquez de Marialva D.Diogo, Marechaes de Campo de Meus Exercitos: Sou servida gradualos no Posto de Tenente General com o soldo da sua graduação: O Conselho de guerra o tenho assim entendido, e lhes mande expedir os despachos necessarios. Palacio de Queluz em vinte de Novembro de mil, setecentos, e noventa e seis.»

Desta epoca (1797) data o formosissimo cartão de visita, desenhado talvez por Vieira Portuense, e gravado pelo insigne artista Bartolozzi, que reproduzimos, devido á gentileza do nosso amigo, o sr. Conde do Almarjão, que possue tambem um outro identico, porem *avant la lettre*. (1)

Em 1800, morando na Fundição de Cima, sofreu um ataque de hidropesia do peito que o fez mudar de residencia para o Calhariz de Bemfica.

Ali faleceu a 7 de Junho de 1801 sendo sepultado, no dia seguinte, no convento dos Jeronimos, como consta do seguinte assento de obito: (2) «Aos sete de Junho de mil oitocentos e hum no sitio do Calhariz Freguezia de Bemfica falleceo o Ill.mo Ex.mo Tenente General Bartholomeu da Costa com os sacramentos, e foi sepultado no Real Convento de São Jeronymo em o sitio de Belem. O Coadj.or Raymundo Antonio Gomes.»

Assim acabou a sua longa carreira militar, este ilustre oficial do nosso exercito que, como vimos, muito contribuiu para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da arma de artilharia.

Para concluir este artigo transcreveremos as palavras do capitão Manuel de Sousa no manuscrito atraz citado: «Não he pequena parte da Gloria deste Vassalo (o Marquês de Pombal) o ter chamado assi, e animado ao grande Bartholomeu da Costa, cujo nome fará sempre (honra?) á Nação Portugueza, sendo acanhado todo o elogio que se fizer ao seu merecimento, e modestia.»

E ainda copiarêmos o final do artigo de Sousa Pinto:

---

(1) Foi reproduzido tambem no *Archivo de ex-libris portuguêses*, atraz citado; na *Revista de ex-libris portuguezes*, 1.º vol. 1916, pag. 17-20 (art. do nosso amigo a sr. Conde de Castro e Sola) e na revista *Athena*, n.º 3 de Dezembro de 1924 (art. do nosso amigo o sr. Cardoso Marta).

(2) Copiado do *Registo de obitos* da freguezia de S. Vicente.

«Foi homem singular e extraordinario para a epoca em que viveu: — o seu genio forte e arrebatado levou-o a alguns dissabores na carreira da vida. Teve sempre por timbre sustentar a honra e as regalias inherentes ao distincto logar que occupava na sociedade, o que muitas vezes o levou a questões desagradaveis com a Junta dos tres estados, a qual arrogava a si a supremacia na direcção do Arsenal do Exercito; porem Bartholomeu da Costa, firme na marcha invariavel que adoptára, combateu a intriga occulta com que o procuravam deprimir, vencendo sempre, não com lisonja e vil adulação aos superiores, mas com a dignidade do seu posto, com a firmeza do seu caracter, e sobre tudo com a ascendencia que o seu genio exercia sobre aquelles que o procuravão escurecer, e affastar do conceito do monarcha, depois do desagrado do Marquez de Pombal, e da morte de Martinho de de Mello e Castro, verdadeiros apreciadores do seu merecimento.» (1)

---

(1) Em ultima nota deixarêmos aqui esta indicação. A estatua equestre de el-rei D. José que ficára anonima aos olhos da posteridade, como disse Castilho, recebeu, por portaria de 23 de Janeiro de 1844, a inscrição latina que ali se lê actualmente e cujo final é: *Joaquim Machado de Castro modelou e esculpiu. Bartholomeu da Costa fundiu em bronze a estatua equestre*, segundo a elegante versão latina de Julio de Castilho. Esta portaria, indicada a pag. 14 do 3.º vol. das *Escavações poeticas*, Lisboa, 1905, passou despercebida ao nosso falecido camarada e amigo, o general Fernandes Costa, na sua comunicação academica, publicada em Coimbra em 1921, *Erros inadmissiveis num aditamento moderno feito á inscrição do monumento a D. José na praça do comércio, de Lisboa.*

Ao encerrarmos esta nota lêmos, no *Seculo*, a noticia do falecimento, em 17 de Fevereiro, do nosso amigo o sr. coronel Pacheco Simões, a quem haviamos dedicado este modesto trabalho. Profundamente impressionados consignamos, neste lugar, o preito da nossa sentida saudade pela perda dêste ilustre camarada.